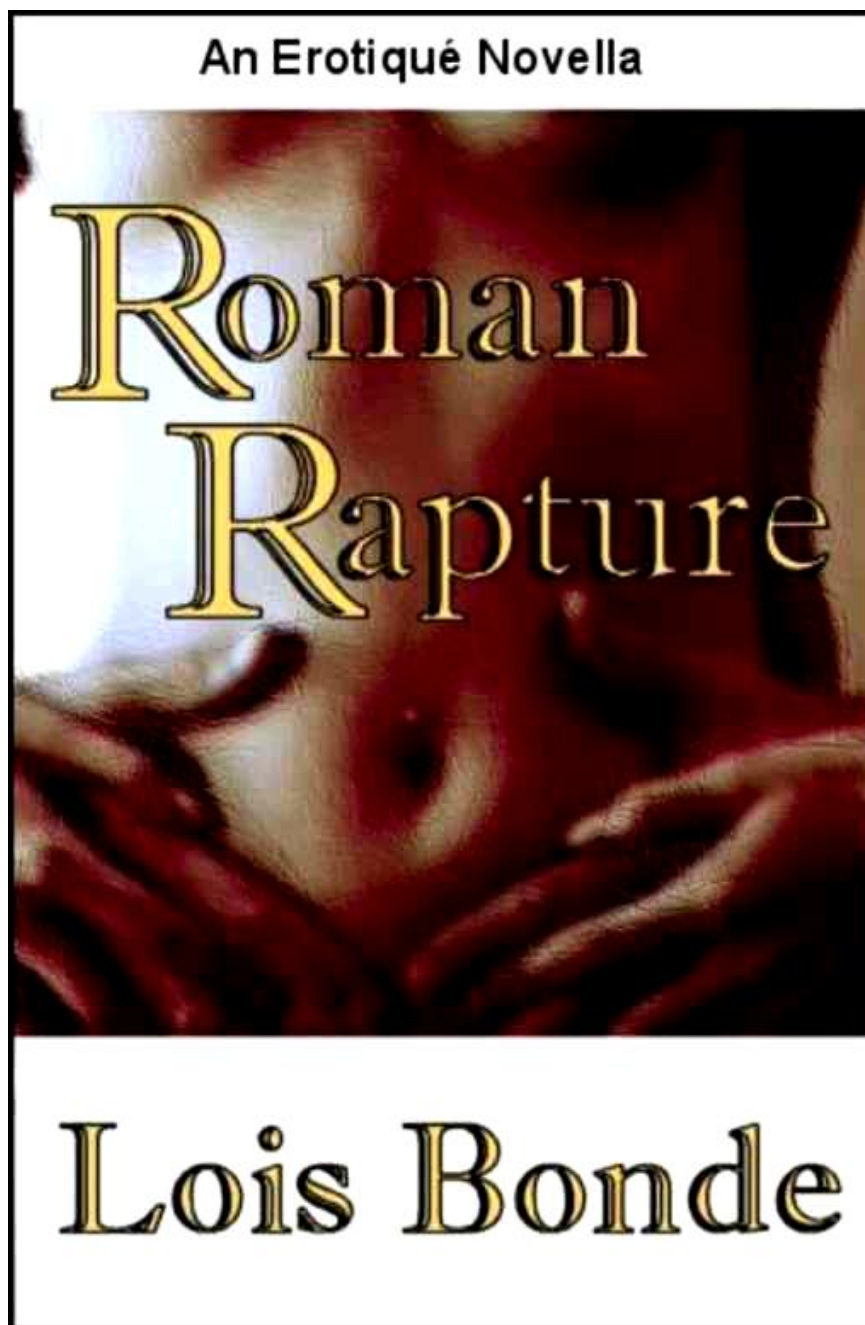


Êxtase Romano

Lois Bonde



Disponibilização: Soryu

Tração Mecânica: Soryu

Revisora Inicial: Márcia de Oliveira

Revisora Final: Roberta Lelis e Sílvia Helena

Formatação: Cris Skau





Sinopse:

A linha entre o amor e o ódio diminuiu quando os antigos romanos ocupam a Grã-Bretanha e Sarah corria o risco de perder sua fazenda junto com seus melhores clientes. Pressionada a auxiliar o Centurião a arrumar suas coisas, ela acaba compartilhando seu banho romano. Desejando que tivessem mais tempo juntos, eles se rendem aos seus ardentes desejos até que ele parta para Roma.

Comentários da revisora Roberta:

Meninas, amei fazer esse livro. Ele é curtinho, engraçado e muito quenteeeeeeeeeeeeeeeeee! A mocinha é valente, engraçada e adora se vestir de menino e o mocinho... Ô lá em casa um desses! Liguem o ventilador para lê-lo. A história é linda e o final é bem legal também, mas já advirto duas coisas: 1º: Esse Caio já é meu! Me apaixonei por ele e 2º: Vocês nunca mais vão olhar uma piscina de mesma forma depois de ler esse livro!!!

Apreciem sem moderação. Boa leitura.

Capítulo Um

410 DC Outono em uma pequena aldeia no sul da Grã-Bretanha

- Olhe para todos esses soldados em nosso caminho. Você alguma vez já viu tantos homens bonitos juntos em um só lugar em toda a sua vida?

Sarah Milton lançou um olhar para os homens e sua amiga Ellen Marks. Sem deixar-se impressionar, porque os via com tanta frequência, que voltou a examinar os lenços de seda exótica que encontrou na barraca de um fornecedor. Nunca sentiu nada tão macio e tão finamente tecido.

- Ellen, você pensaria em estar cercada por homens bonitos mesmo se estivesse em um calabouço rodeada de criminosos.

- Oh, vamos. Não é tão ruim - Ellen respondeu. - Bem, é? - Ela cutucou.

Não foi possível sequer chegar perto para perguntar o preço do lenço. Sarah jogou o lenço de volta com os outros e pegou o braço de Ellen.

- Vamos apenas dizer que você é uma mulher que tem um gosto refinado - ela disse com um sorriso, levando-a antes mesmo que pudessem ver o vendedor de biscoitos que estava vindo.

- Gosto refinado? - Ellen riu - É a sua grande vara dura que me interessa. Vou ficar triste quando eles se forem. - Disse sua amiga - E você age como se não estivesse interessada neles, Sarah. Você e eu temos dezoito anos de idade e eu sei que não pode ignorá-los dessa maneira.

- Eu? Ignorá-los? Nunca. Vejo muitos soldados na fazenda comprando nossos grãos e legumes.

- E nenhum deles sob sua saia?

Sarah sorriu.

- Eu não disse isso. - Ellen riu. - Por outro lado - Sarah adicionou rapidamente - não há nenhum homem que vá sentir falta daqui quando for para casa.

- Você me descartou tão rápido, querida! - Um soldado, que tinha ouvido a sua declaração, disse. Ele chegou furtivamente por trás e passou os braços ao redor dela o suficiente para colocar a mãos em concha nos seus seios.

Assustada, gritou com Ellen, que estava rindo deles. Ele tentou acariciar o pescoço de Sara, mas a lateral de seu capacete estava no

caminho. Quando levantou a mão para tirá-lo, ela retorceu-se em seus braços e virou-se para enfrentá-lo.

– Serei mais feliz quando o vir partir, Glarus – Sarah disse com um sorriso. – Quando você vai a nossa fazenda buscar mercadorias para o exército, você come mais frutas e legumes do que trabalha. Nós faremos negócios melhores, quando você for embora.

– E você, não tem nada a oferecer para comer hoje? – Com o capacete agora num braço, ele estendeu a mão para segurar a parte de trás do seu pescoço e beijou-a profundamente.

Quando ele acabou com o beijo, percebeu que Ellen os observava com interesse. De repente, ele soltou Sarah e se virou para ela.

– Ou talvez eu devesse ficar com essa moça e conservá-la para a sobremesa.

Deixou cair o capacete e levantou Ellen no ar com uma mão em cada axila. Ela gritou de alegria enquanto ele esfregava o rosto entre seus seios grandes.

– Você vem Glarus? – Seus amigos chamaram de longe.

Relutante, ele olhou naquela direção, colocou Ellen no chão e roubou o beijo mais longo e mais profundo que Ellen recebeu na sua vida, antes de pegar o capacete e correr para se juntar a eles.

– Vou ter que apreciar minha sobremesa depois – olhou para Sarah sobre seu ombro. Rindo, ela enxotou-o com um gesto.

Ellen enxugou os lábios molhados em sua manga.

– Deus, eu vou ficar muito triste ao vê-los irem embora daqui.

Ela seguiu Sarah pelo caminho próximo a barraca de mercadorias que um de seus compatriotas tinha levado para vender na festa da colheita.

– Você diz isso agora, mas quando eles se forem você não terá que trabalhar tão duro. Não sei como você consegue manter esse lugar, com apenas sua mãe e seu irmão para ajudar, agora que seu pai morreu.

– Não é assim, Ellen – Sarah insistiu. – Quando os legionários forem, perderemos o dinheiro das vendas regulares que as tropas têm trazido para dentro do povoado, então, tenho certeza que não teremos nenhum ouro depois, apenas algumas moedas romanas inúteis.

Quatro soldados romanos passaram bem perto das mulheres, marchando na direção oposta. No uniforme, cada legionário usava um calção, uma túnica acima do joelho, com tiras de couro com um cinto largo sobre ele. Outras tiras de couro se encaixavam sobre os ombros. Junto com um escudo redondo, que geralmente era adornado com cenas que retratavam sua bravura, cada um carregava uma espada, como um gladiador.

Eles estavam em uma formação fechada. No início, Sarah ficava com medo ao ouvir seus passos quando eles marcharam em seu curral, ao lado das carroças para pegar os grãos que não cresciam em seus próprios jardins de tamanho limitado.

Ellen se voltou para olhá-los, até que desapareceram atrás de uma multidão de pessoas que estavam em volta das barracas dos vendedores.

– Você pensa em voltar ao posto com eles e ganhar todos de uma só vez?

– Não, mas um de cada vez podia ser bem divertido!

Sarah puxou a manga da blusa de Ellen, que era decotada o suficiente para mostrar as ondulações dos seios.

– Olhe. Há alguns malabaristas! – Ellen disse com uma risada, apontando para rua abaixo.

Ellen se permitiu ser arrastada para a praça da aldeia onde a festa da colheita estava acontecendo. Todas as lojas que ficavam na praça estavam abertas, esperando um negócio extra e os malabaristas estavam na praça gramada.

Sarah apreciava as travessuras dos palhaços lançando suas varas, bolas e até as tochas acesas. Ellen passou seu tempo assistindo a um novo grupo de soldados que tinha chegado e parando ao lado do líder da aldeia. Quando Ellen puxou sua manga, Sarah relutantemente deixou de assistir os malabaristas e olhou para onde ela estava apontando.

– Olhe aquele alto, todo de vermelho. É um pedaço de homem!

Ele parou e os outros soldados pisavam uns sobre os outros tentando saudar e segurar as rédeas enquanto ele desmontava. Um pouco mais baixa que Ellen, Sarah levantou-se na ponta dos pés para que ela pudesse ver quem era.

– Oh, é o comandante, o centurião da Legião. Veja a armadura de metal no peito, é o símbolo da sua guarda. O pincel vermelho em seu capacete corresponde a sua capa vermelha, e ninguém mais usa essa cor.

– Eu acho que toda essa armadura está sendo usada para evitar qualquer possibilidade de que uma seta perfure seu coração. – disse Ellen.

– Seus homens realmente gostam dele pelo que eu ouvi. Ele foi nomeado centurião depois que se destacou em alguns campos de batalha perto de Roma. Acho que é porque ele é mais novo que o centurião anterior.

Embora quisesse ver mais, Sarah virou-se para os malabaristas. Ela nunca iria ter nada com ele mesmo.

Ellen percebeu que ela estava interessada no soldado romano apesar de tudo. Ela estava interessada naquele que estava no topo e

ele nunca se interessaria por ela, nem mesmo se ela caísse em seu colo.

Um dos artistas começou o malabarismo com algumas canecas de cerveja que havia tirado de seu público e a com suas manobras molhava todos tentando conseguir moedas. Ela riu quando os homens não gostaram de ter suas canecas roubadas pelo malabarista e ainda ter aquele líquido espumoso espirrando em suas roupas. Uma luta começou, mas ela esperava que os malabaristas escapassem facilmente pela rua e fossem sem dúvida para onde fariam os mesmos truques com outros.

– Como é que você sabe tanto sobre um homem bonito como o centurião e não compartilha comigo? – Ellen perguntou enquanto andavam.

Sarah deu de ombros, tentando agir da forma mais casual possível ao invés de expressar o que sentia.

– Ele veio inspecionar a fazenda várias vezes. Disse que queria ver todas as fazendas onde seus homens compravam os seus produtos e grãos.

– Ele ainda está conversando com o líder da aldeia. – Ellen anunciou ao se virar para ver onde ele estava. – Por que ele não poderia estar olhando para mim ao invés da filha do líder? Ela é dois anos mais jovem do que nós, e não saberia o que fazer com o centurião se ele ficasse nu em sua cama.

– Mas por outro lado, você... – Sarah propôs com uma risada.

Ante a perspectiva, Ellen jogou para trás seus longos cabelos negros que caíam soltos por suas costas e passou a mão por sua saia enrugada para alisá-la. Saberla o que fazer e gostaria de fazê-lo tantas vezes quanto pudesse.

Sarah olhou para trás.

– O centurião não está olhando para ela, Ellen. Ele olha irritado e se você quer saber, ela deveria ir para dentro. Se bem que eu gostaria de ter um vestido igual ao que ela está usando. Eu me canso de saias e blusas escuras que estão tão manchadas como o meu avental.

Ellen riu.

– Você? Em um vestido assim? Lembre-se, eu vi você na fazenda. Você usa as calças de seu irmão mais do que veste uma saia. E você mantém o seu lindo cabelo ruivo todo coberto com lenços em torno da cabeça ao invés de deixá-los soltos, para que os homens possam ver. O que você quer com um vestido de tecido fino que não iria durar muito tempo?

– Posso trabalhar melhor com calça e os cabelos preso do que longos e emaranhados ficando no meu caminho. Você já imaginou se eu subisse em árvores para pegar as maçãs com uma saia? – Ela

balançou a cabeça. – Não seria possível. Agora que Jamie está com dezessete anos, é mais fácil usar as roupas dele.

Ellen colocou a mão no braço de Sarah.

– Eu sei que você tem que trabalhar o tempo todo e que está sendo duro para você desde que seu pai morreu no ano passado.

Lembrando a situação da fazenda, Sarah respirou fundo e perguntou se ela deveria ir para casa. Sua mãe havia decidido no último minuto não ir com ela. Ela insistia em deixar Jamie vender seus produtos por si mesmo. Ela achava que era hora dele atuar mais como um homem e esperava que ele fosse para casa tão logo vendesse tudo. Ela o avisou duas vezes para não gastar nenhuma moeda. Sarah só esperava que ele seguisse suas ordens.

Eles não costumavam ir ao povoado com frequência. E isso queria dizer que sua mãe estava em casa trabalhando duro como sempre. Ela parecia não ter um dia de folga. Sarah olhou em volta novamente buscando seu irmão Jamie.

– Centurião à esquerda – disse Ellen.

– O quê?

– Você não está procurando por ele? Ele saiu com os outros e passou tão perto que eu apenas pude ver um borrão vermelho.

– Não, eu estou procurando meu irmão.

– Eu vi Jamie passar, estava perseguindo a filha do líder da aldeia. Eu não sei o que os homens vêem nela.

– Bem, isso deve significar que ele vendeu tudo e que eu deveria voltar para casa.

Ellen bateu o pé.

– Mas você disse que ficaria o dia inteiro fora e iria passá-lo comigo – ela gemeu. – Você não pode ir agora.

– Sinto muito, mas há muito trabalho a ser feito. Eu tenho que pegar todas as maçãs e se eu esperar muito tempo e ficarem muito maduras, apodrecerão nos barris – Sarah insistiu.

– Deus, se eu encontrar um fazendeiro e me casar com ele, terei que trabalhar duro como você, eu nunca vou me casar com um homem assim. Eu vou encontrar um que trabalhe pouco como o líder da aldeia. Ele sempre pode tirar algum tempo livre quando quer.

Sarah sabia que Ellen vivia na aldeia com sua mãe, que era costureira. Ela também sabia que Ellen não entendia o que uma pessoa tinha que fazer para manter uma fazenda.

– Você vê o meu irmão agora?

– Não – Ellen respondeu, depois de olhar ao redor. – Mas olhe aquele soldado junto ao poço. Você não gostaria de tê-lo como amante?

– De qualquer maneira o que eu faria com um amante? Ele apenas me faria um filho e iria embora. Então como eu poderia ajudar

com o trabalho agrícola com a barriga enorme ou um bebê pendurado no meu avental a todo lugar que eu fosse? – Ela se virou sobre o calcanhar e caminhou até a rua.

– Sarah, espere por mim. – Ellen chamou de trás enquanto corria para alcançá-la. – Você não tem que se apressar como se estivesse louca.

Sarah parou e esperou por sua amiga.

– Sinto muito. Eu não estou brava com você, Ellen, mas eu realmente tenho que ir. As maçãs não se colhem sozinhas e se eu esperar elas caírem, ficarão todas amassadas.

A face de Ellen de repente iluminou-se.

– Já sei. Se você não gosta dos romanos, talvez você pudesse encontrar alguém da aldeia a caminho de casa, que poderia ser seu amante. Ele não teria que ir embora quando a legião se for.

Sarah riu.

– Você nunca desiste, não é?

– Você tem o cabelo sedoso e macio, não grosso e reto como o meu e eu invejo a sua pele clara. Mas você esconde seu cabelo com trapos ou um horrível lenço de malha que você usa na fazenda. Eu vejo seu rosto coberto de sujeira com mais frequência do que a vejo limpa. Você poderia se limpar um pouco e parecer mais atraente ao olhar dos homens que não conseguem ver por baixo de tudo isso.

– Obrigado, eu acho. – As mulheres riram. – Mas não espere que eu tome banhos como os romanos.

– Não, não é saudável e, além disso, não há muito que duas pessoas possam fazer em uma banheira de cobre na frente do fogo. Não há espaço suficiente. Eu tentei. E não consegui que nenhum soldado que me levasse para as banheiras grandes que tem no alto comando. Eles dizem que apenas os mais altos oficiais podem fazer isso.

– Eu realmente tenho que voltar para a fazenda, Ellen. Obrigada por me encontrar aqui. Foi divertido. – Ela se virou e correu pelo caminho que era um atalho para o campo atrás de sua fazenda.

– Pelo menos pense em tomar um amante romano – Ellen falou atrás dela. – Eles não vão ficar aqui muito tempo e você não sabe o que está perdendo.

Sarah balançou a cabeça e riu quando ela acenou. Um amante. Um homem quando ela nunca tinha tempo? Estranhamente, sua mente imediatamente lembrou-se do belo e alto centurião romano, que viu na praça. Isso fez com que Sarah desse gargalhadas. Tal comandante poderoso nunca se interessaria por ela. Ele iria querer uma mulher com mãos macias, vestida com roupas finas, com seus lindos cabelos penteados.

Além disso, ela ficaria melhor com alguém da aldeia com quem pudesse um dia se casar; ao invés de ter como amante um romano. Ela não queria ser evitada pelas pessoas por uma possível associação com os soldados ou ter que se deslocar para Londonium onde muitos casais mistos viviam.

Retardando sua caminhada, ela respirou fundo e soltou um suspiro. Mas que amante maravilhoso seria o centurião.

Uma sensação de formigamento quente e delicioso a percorreu da cabeça aos dedos dos pés só com o pensamento. Bastava vê-lo tão perto que uma vibração percorria por sua barriga como centenas de borboletas esvoaçando em torno dela.

Bem, por que não sonhar grande? Se alguma vez ela tivesse a chance de ir para a cama com o centurião, pensou ela com um sorriso, ela certamente não deixaria passar. Então logo ela teria uma história para contar à Ellen, uma que ela nunca iria acreditar.

* * * *

O Centurião Caio Bionora tinha se cansado da festa da colheita muito antes que seu ajudante e amigo de longa data Lam Thranus lhe dissesse que queria ir embora. Normalmente, ele teria ficado encantado em ver e degustar de todos os produtos recém cozidos e feitos a partir do que era colhido na região. Lembrou-se das ruas ocupadas em Roma onde podiam comprar qualquer coisa que desejassem.

Ele e Lam muitas vezes vagavam pelos mercados romanos. Eles eram amigos mesmo antes de terem se juntado à Legião Romana, onde eles treinaram juntos. Lam era o único homem que o tinha superado no combate corpo-a-corpo, mas Caio sempre ganhava em luta de espadas. Ele era muito mais leve com os pés e mais ágil do que Lam.

Eles estavam servindo juntos quando os legionários foram atacados nas montanhas ao norte de Roma. A patrulha de vinte homens era muito mais numerosa, mas Caio não deixou que os homens parassem de lutar. Ele gritava incentivos e rosnava com raiva quando liderava um ataque contra o inimigo. Surpreso com a vigorosa resistência de tão poucos soldados, o inimigo vacilou, o que foi a sua ruína. Caio e os outros legionários se moveram e saíram vitoriosos.

Quando correu a voz de que eles estavam de volta a Roma, o Imperador concedeu a Caio o posto de centurião. Ele o assignou a um dos três postos na Grã-Bretanha porque esperava que Caio triunfasse sobre os celtas e os saxões, que vinham fazendo incursões regulares, ao norte. Os ataques ainda tentavam esmiuçar suas defesas e agora sua missão era detê-los. Só o tempo iria dizer o que iria acontecer na

região após as legiões romanas se retirarem completamente. Então, sua defesa estaria nas mãos da aldeia que estava mal equipada e mal treinada para a batalha.

Caio olhou ao redor da praça da aldeia, e não pensava na festa da colheita que estava acontecendo ali e certamente não na filha do líder tentando atrair sua atenção enquanto ele falava com seu pai. Não, ele estava pensando no recuo para o sul, onde os legionários estariam a bordo de um navio para Roma, assim que chegasse ao porto. Sua legião era a última a sair do complexo que uma vez teve dez vezes o seu número.

Seu navio deveria chegar a qualquer dia, os homens estavam prontos para abandonar o cargo e ir ajudar na defesa de Roma.

Embora Caio odiasse o movimento das tropas, estava esperando ir embora. Ele já teve o bastante desta ilha escura e úmida e ansiava por dias quentes e ensolarados em Roma. Ele queria o hidromel¹ ao invés da cerveja quente que tinha bebido durante sua missão ali, e o vinho doce e claro das vinhas que se estendia ao longo dos montes intermináveis de sua terra natal. Ele tinha apenas trinta e três anos, mas nos últimos quatro anos ele esteve preso nos confins dessa terra, e isso o deixava preocupado.

Como iria comemorar quando voltasse a Roma? Ele iria procurar todas as mulheres bonitas e de cheiro doce que estivessem dispostas à sua oferta. Ele balançou a cabeça, pois não tinha nenhuma mulher vestida com sedas e cetins na festa da colheita, e nem mesmo uma que parecesse muito limpa. Em vez disso, elas usavam roupas de lã crua das ovelhas malcheirosas e não faziam nada para se tornarem mais atraentes. Os cabelos ficavam presos em tiras de pano para esconder sua aparência suja, pensava ele. Mesmo a jovem filha do líder da aldeia, que tinha uma condição melhor, usava um vestido que ele não esperaria que um escravo usasse.

Na tentativa de evitar olhar para ela, ele tinha notado duas mulheres, uma das quais parecia familiar com o cabelo amarrado. A outra usava os cabelos soltos pelas costas. Ela flertava com cada soldado que passava e sua amiga parecia não se interessar tanto. Ele ficou olhando por alguns instantes e de repente lembrou-se de vê-la na fazenda onde eles compravam seus grãos. Em suas visitas de inspeção nas fazendas agrícolas ele tinha visto o modo como ela mantinha os homens à distância.

Contudo, apesar da recusa constante ou mesmo por causa disso, eles sempre tentavam se aproximar dela, para atrair sua

¹ Hidromel - Bebida alcoólica fermentada composta de uma parte de mel e duas de água. Consumida desde a mais remota antiguidade é anterior à cerveja e ao vinho.

atenção. Rodeavam-na como uma matilha de cães em torno de uma cadela no cio.

Olhando para ela agora, ele queria saber o que os atraía.

Como seria seu cabelo sob os invólucros apertados que ela usava para mantê-los escondidos? Como seria seu corpo sob a saia disforme e o avental que usava como uma túnica? Ele a acharia atraente se lhe fosse dada à oportunidade de vê-la nua? Ele balançou a cabeça para limpar seus pensamentos e desviou o olhar, mas por alguma razão, ele não conseguia parar de pensar.

Ele se voltou para o líder da aldeia para concluir seus planos para a retirada ordenada do exército. Caio sabia que não deveria confiar nele. Os polegares do homem estavam escondidos no cinto de couro largo que usava debaixo de sua barriga redonda, enquanto ele dizia repetidamente que não haveria nenhum problema. Caio tinha perdido o fôlego com a manutenção do abastecimento de água potável que os romanos haviam criado e mantido. Zeus, mas os aldeões eram muito teimosos. Resistiram a todos os novos confortos que os romanos lhes mostraram e seu líder não queria nenhum conselho dele agora.

Durante os séculos de ocupação romana, os soldados tinham instalado um sistema de irrigação que levava água doce para a aldeia, bem como aos edifícios dentro da Legião. Mas eles não conseguiram convencer as aldeias a usarem a água limpa para tomar banho. Eles gostavam de usá-la para seu gado ou para regar os jardins, e estavam convencidos de que os banhos não eram bons para a saúde. O líder havia recusado todas as informações úteis sobre como manter o abastecimento em sua pequena vila. Não tinha sentido continuar a conversa com o líder e quanto mais cedo ele pudesse fugir da menina, que olhava para ele, melhor.

Montou no cavalo que Lam levou para ele. Era difícil ficar com a garota observando cada passo seu. Ele acenou com a cabeça na direção dela e ela imediatamente deu um sorriso.

A menina nunca disse mais de três palavras, mas sorria? Isso era demais. Felizmente, logo ele não teria mais relações com o pai dela. Ele estaria indo para casa.

Enquanto cavalgava de volta para o comando com Lam e a guarda habitual de seis soldados, ele respirou profundamente o ar fresco.

– Há algo de errado? – Lam perguntou. – Sente cheiro de fogo? Ou problemas?

Caio riu.

– Sinto o cheiro do ar fresco do outono, as folhas caindo, o solo úmido sob os cascos dos cavalos, mas eu não cheiro nenhum problema.

Lam franziu a testa e balançou a cabeça.

– Permita-me perguntar, Comandante. O que o deixa de um modo tão estranho?

– Você é meu ajudante e amigo há muitos anos, desde muito antes de nós entrarmos juntos nesta ilha. Se alguém aqui deveria saber algo esse é você. Mas desta vez eu estou apenas curtindo o ar que eu não vou ter de respirar por muito mais tempo.

Elas passaram em frente aos jardins posteriores que estavam cheios de casas de campo onde alguns trabalhadores viviam e entraram pelas portas altas para dentro do recinto. Caiadas de branco, os prédios de tijolos de barro forrados por dentro da parede compunham o quartel da Legião. Criado assim para que os homens pudessem ficar sobre os telhados e defender o quartel, que abrigava os soldados da infantaria e cavalaria. Linhas interiores de estruturas semelhantes alojavam os oficiais, e no centro, o centurião.

Perto ficavam os banhos romanos. A água fluía para várias piscinas por um córrego de pedra que os romanos construíram para buscar água do rio. Depois de cair nas piscinas de água fria, a água era aquecida, pelas lareiras que queimavam lenhas dia e noite. Havia várias salas de banho, de variados tamanhos. As maiores eram designadas aos soldados de infantaria e cavalaria, pois eram muitos homens no banho de uma vez.

As menores eram usadas pelos oficiais ou pelo centurião, sozinho ou com outros convidados, a sua privacidade era assegurada para o que eles quisessem fazer lá.

Mais a frente ficavam os edifícios que se esticavam entre o estábulo e a cozinha que eram mantidos separados das demais estruturas em caso de incêndio. Para manter a forma, os soldados praticavam suas esgrimas diárias de autodefesa sobre a vasta extensão.

Uma vez que Caio e sua guarda passaram pelo portão, os homens do estábulo correram para tirar os cavalos do centurião e seu ajudante, enquanto os outros soldados cavalgavam em direção ao estábulo para cuidar de seus próprios.

– Lam, soe a trombeta e reunia todos na praça de armas. Gostaria de falar com eles de uma vez.

– E os aldeões locais que trabalham dentro dos muros? – Lam perguntou.

– Eles também podem ouvir. Já que ouvirão de alguém em breve. – Caio entrou em seu quarto quando Lam o saudou, com a mão direita em punho cruzando o peito e batendo uma vez mais em seu coração e saiu para cumprir suas ordens.

Tentando relaxar por alguns minutos, Caio tirou o capacete e a capa vermelha e jogou-os em sua cama. Abrindo a gaveta trancada

escondida debaixo da mesa, ele tirou um pergaminho enrolado de Roma e o leu novamente. Deu um sorriso, enquanto pensava em sua jornada para casa.

As ordens tinham demorado meses para chegar de Roma e ele não sabia quanto tempo teria de esperar agora para um navio entrar no porto. As comunicações tinham sido irregulares desde que os Godos² começaram o cerco contra Roma. Mas ele já tinha decidido deixar o cargo e aguardar o navio no porto. Os vagões poderiam estar a disposição para todos os homens por semanas, se necessário. Certamente eles não teriam de esperar mais do que isso. O inverno não estava muito longe e os navios gostariam de estar com as velas dentro e fora do porto antes que as tempestades que caem no final do ano aparecessem, era muito melhor estar no Mediterrâneo quente do que nas águas traiçoeiras do Norte. Ele e seus homens estariam lá e prontos para sair.

Com uma batida em sua porta, ele guardou o pergaminho de volta na gaveta, trancou-a e gritou:

– Entre.

Lam entrou, cumprimentou.

– Os homens estão na praça.

Caio balançou a cabeça e pegou sua capa, enquanto Lam atava seu capacete. Com um sorriso, ele caminhou até o pátio de exercícios para dizer a seus homens que eles estavam saindo para ir em defesa de seu imperador em Roma.

Ele sabia muito bem que, com exceção de alguns que haviam conseguido trabalho em Gália ou nos territórios germânicos e para os outros que se casaram com mulheres locais, os homens ao ouvirem o anúncio de que estavam indo para casa ficariam polvorosos.

² *godos* eram uma das muitas tribos do outro lado da fronteira oriental às que os romanos chamavam *bárbaras* ou *germânicas*.

Capítulo Dois

– E lembre-se não deixe cair os sacos quando eles estiverem cheios – Sarah ouviu sua mãe chamar por ela e foi para o celeiro. Sarah acenou, não se incomodando em ouvir a resposta. Sarah sabia que já estaria de volta a seu trabalho.

Colocando o estreito e grosso saco vazio por cima do ombro, ela pegou um rolo de corda resistente e saiu. Uma vez na estrada que passava pelo bosque de macieiras, ela levantou o rosto para o sol da manhã e aproveitou o tempo relaxante para andar a pé. Ela adorava ver o crescimento exuberante que as chuvas frequentes e o clima úmido promoviam. Mesmo agora, no outono, as folhas ficaram marrons, indo primeiro para um amarelo brilhante e ela gostava das cores ao pé da estrada. Ela não podia imaginar viver em outro lugar.

Vestindo as roupas de seu irmão como sempre fazia, gozava da liberdade que tinha. Sua camisa era rude e larga e a calça estava amarrada com uma tira de couro para que não caísse pelas pernas ou entrasse no meio delas enquanto caminhava como acontecia com as saias longas. Sua jaqueta grossa de tecido lhe proporcionava maior proteção contra o vento frio do que um xale ou uma capa.

E ela também gostava de usar roupas de homem, a fazia se sentir mais segura de si. Frequentemente, os estranhos pensavam que ela era um menino, e ela pensava com um sorriso, que se os soldados romanos podiam usar a sua estranha farda com túnica que pareciam saias, então ela poderia usar calças.

Uma vez chegando ao pomar de maçãs, ela deixou a bolsa no chão e os sacos em um ramo robusto a uma menor distância da estrada. Com tudo pronto para mais tarde, ela olhou para se assegurar qual a árvore mais próxima da estrada, para que ela não tivesse que carregar as sacolas até a estrada e que Jamie tivesse que buscá-la na carroça.

Ramos nus que estavam perto da onde os transeuntes passavam confirmava que estes pegaram muitas das maçãs antes mesmo que estivessem maduras.

Ela não podia deixar de desejar que esse roubo tivesse sido recompensado com dores de estômago ao comer a fruta verde. A partir da experiência dos anos anteriores, ela percebeu que menos maçãs desapareciam das árvores que estavam afastadas das estradas. Os ladrões de maçãs eram preguiçosos, ao que parecia e ela não gostava nem da preguiça característica ou do roubo.

Subindo em um galho grosso com uma perícia que nasceu de anos de experiência, ela colocou-se com uma perna de cada lado, e começou a pegar as maçãs. Enquanto ela deslizava cada maçã dentro

do saco, ela levava em consideração o peso do saco equilibrando-se no ramo da frente. Quando o saco ficava cheio o suficiente, ela amarrava a corda e o descia para o chão. Equilibrando-se pelo tronco, ela desarramava a corda para usar na próxima vez e colocar o saco atrás de uma árvore maior onde ele estaria fora da vista e em segurança.

Ela não esperava que seu irmão fosse para o bosque, até o meio-dia. Ele usaria a pequena carroça para levar um pouco de pão e queijo para o almoço. Ela teria que ajudá-lo e verificar se ele estava colocando com delicadeza as maçãs na carroça. Depois que eles comessem, ele levaria as maçãs de volta à fazenda.

Na hora do jantar, ele voltaria e a levaria de volta com as maçãs que tinha colhido durante a tarde. Colher as maçãs no bosque geralmente levava três ou quatro dias, mas ela adorava o cheiro doce quando as embalava na palha e enchia os barris cada noite. Esta parecia ser uma boa safra e deveria perdurar até o inverno antes que congelassem ou apodrecessem. Mesmo se congelasse, sua mãe cortaria as partes e as cozinaria fazendo um molho espesso que ficava gostoso com pão e manteiga recém-batida.

Um viajante ocasional passava e Sarah sabia como funcionava. Eles raramente teriam notado que estava acima deles, entre os galhos da árvore. Na maior parte das vezes, ela ignorava e continuava com seu trabalho. Mas quando ela ouviu um número de cavalos bem calçados se aproximando, não pôde deixar de se sentir curiosa. Ela se esticou a sua maneira fora do ramo longo da estrada, tanto quanto conseguiu. A extremidade se curvou sob seu peso e a do saco de maçãs equilibrado em seu colo.

Soldados! Um arrepio de medo percorreu suas costas. Embora os romanos houvessem ocupado o país durante séculos antes que ela tivesse nascido ainda se assustava em momentos como este, quando estava sozinha. Ela simplesmente não confiava neles. Vestidos para a batalha com espadas afiadas penduradas de lado, sempre pareciam ser o grande inimigo.

E, no entanto, ela e sua família estavam na incômoda posição de ter que agradecer por eles estarem ali. O cozinheiro dos soldados havia comprado mais grãos de sua fazenda do que nunca tinha vendido na aldeia. Embora ela não gostasse de admitir, os romanos tinham sido atenciosos quando seu pai caiu da carroça na fazenda e foi esmagado sob as rodas enquanto fornecia uma grande carga de aveia para os estábulos da Legião. Jamie tinha ido com ele, mas saiu livre. Ele correu ao posto para buscar ajuda.

Embora tivessem chegado rapidamente, tinha sido tarde demais para seu pai.

O jovem comandante mandou seu assistente pessoal, um homem enorme, com o qual ninguém pensaria em contra-

argumentar, a levar de volta a fazenda o corpo. Ele ainda tinha pago um extra pela aveia, dizendo que era para a família. A partir desse momento, os romanos enviaram seus próprios vagões para buscar e carregar os grãos que eles queriam.

Talvez eles tivessem coração. Ela não se importava, desde que mantivessem seu bom apetite. O fato de que tantos haviam deixado o cargo no ano passado para voltar a Roma foi muito perturbador. Ela estava na incômoda posição de rezar para que o resto não saísse rapidamente, mas, como todo mundo, sabia que seria muito em breve.

Agora, como os legionários se aproximando do pomar de maçãs, ela podia ver que o centurião estava entre eles. Ele estava andando ao lado de seu ajudante, enquanto uma meia dúzia de outros formavam um muro forte em torno deles. Segurando a extremidade do saco fechado em seu punho, ela inclinou-se sobre as maçãs para olhar melhor para ele.

Concordando com sua amiga Ellen sobre sua avaliação, ela tinha que admitir que ele era realmente muito bonito com o nariz forte e olhos escuros. Não que ela tivesse visto uma grande parte de seu rosto, no entanto. Na verdade, ela nunca o tinha visto sem o seu capacete que cobria seu nariz e bochechas. Por adivinhação, ela dizia que ele tinha cabelos escuros para combinar com o pêlo exposto por parte da perna nua. Surpreendida com o quão alto seu uniforme estava nas coxas, ela se inclinou para o lado para ter uma visão melhor de sua musculatura quando ele passou debaixo da árvore.

Ela sentiu o barulho mais do que ouviu, no momento em o galho que ela estava quebrou.

Ao cair ela gritou certa de que iria parar na estrada e ser pisoteada pelos cavalos.

Mas em vez disso, o saco de maçãs caiu no pescoço do comandante enquanto ela despencava sobre seu ombro direito e rolava para seu colo. O ar saiu de seus pulmões e levou um momento para sua respiração voltar ao normal e tentar escapar.

Ela olhou para cima para ver as espadas que eram desembainhadas de uma só vez por todos a seu redor, mas contidas por medo de ferir o comandante na luta contra o invasor das árvores, apesar de estarem de prontidão.

Caio tinha sido quase jogado de seu cavalo. Vendo a dispersão das maçãs quando se endireitou, pensou primeiro que um galho de árvore o tinha acertado. Mas ao se encontrar com esse peso no colo lutando para se livrar, ele percebeu que um rapaz havia caído bem em cima dele.

– Descansem, homens. É apenas um menino.

Os homens que tinham pulado para o chão para defendê-lo abaixaram suas espadas, mas não se afastaram.

O ramo quebrado, onde o menino deveria estar sentado, ainda estava pendurado na árvore. Caio conseguiu acalmar o cavalo e lutar por uma posição melhor, pois o rapaz estava com o rosto para baixo sobre seu colo. Ele pegou um punhado da parte de trás do casaco do rapaz enquanto ele endireitava as rédeas de seu cavalo e o acalmava.

– Deixe-me ir, seu idiota pomposo – o menino gritou com sua voz abafada por ter o rosto coberto pela gola do casaco que deixava a metade de sua cabeça coberta. Ele se balançava e torcia, tentando sair do aperto de Caio.

– Você ataca o centurião da Legião Romana e ainda espera ser solto? – Lam perguntou com uma risada. – Comandante, você deve pendurar o moleque inútil na praça da aldeia para fazer dele um exemplo.

– Por mais tentador que seja, ele não vale a pena o esforço agora – Caio respondeu, puxando o saco parcialmente cheio de debaixo das pernas do menino e jogando-o para baixo na estrada. Seu cavalo moveu nervosamente se virando para o lado.

Caio deu um tapinha no pescoço.

– Então me deixe ir – o rapaz disse, ainda lutando para sair. – Tira a mão de mim para que eu possa saltar.

– Fique quieto – Caio gritou.

– Deixe-me ir

O menino gritou ao mesmo tempo em que segurava os pêlos da coxa de Caio com seus dedos pegajosos e puxava com toda sua força. Os pêlos saíram dolorosamente com as raízes.

– Ai! – Caio segurou o menino e as rédeas com uma mão e bateu em suas nádegas com dois tapas duros com a outra mão.

O rapaz engoliu em seco e se calou sem lançar um grito.

– Assim é melhor. Agora, fique quieto e não tente descer novamente ou você vai sentir o lado liso da minha espada em todo o seu traseiro em seguida.

Caio teve que admirar a coragem do rapaz. Ele bateu duro e o rapaz tinha recebido sua punição, sem pestanejar, nem mesmo um som.

– Vamos, homens. – Caio ordenou. Os soldados guardaram suas espadas e aqueles que tinham descido do cavalo montaram novamente. – Eu quero voltar sem mais delongas. Quanto antes sairmos, mais evitaremos qualquer ataque, pois ficamos vulneráveis na estrada.

– E o rapaz? – Lam perguntou. – O que você vai fazer com ele?

Caio sorriu.

– Vamos levá-lo conosco. Os meninos nesta idade não devem ficar sem fazer nada no meio da manhã. Posso colocá-lo para trabalhar nas bagagens hoje e lhe ensinar uma lição ao mesmo tempo.

Agarrou a jaqueta do menino mais firmemente e bateu os calcanhares nos flancos de seu cavalo. Ter a ajuda dele para arrumar as coisas seria realmente uma boa idéia.

* * * *

Ao meio-dia, Jamie se aproximou do pomar de maçãs um pouco mais tarde do que era suposto. Ele ficou surpreso ao não ver sua irmã sentada com as costas contra uma árvore esperando que ele chegasse com seu almoço. Ela sempre parecia gostar mais de trabalhar do que ele e pensou que talvez ela não tivesse parado ainda.

Ele puxou a carroça para mais perto da primeira árvore próxima da estrada, onde esperava encontrar os sacos cheios e pulou para o chão. Ele fez uma pausa para amarrar o cavalo, para que não fugisse. O chão e a estrada estavam cobertos de maçãs e o cavalo começou rapidamente a mastigar uma. Jamie pensou que era a primeira vez que Sarah tinha esperado muito tempo para começar a buscá-las, e as maduras já estavam no chão.

Mas quando ele pegou uma que parecia boa demais para desperdiçar, ele viu que não estava de todo madura. Por que ela teria jogado boas maçãs no chão? Querendo saber o que estava acontecendo, ele olhou para cima e viu o galho grosso quebrado pendurado na árvore próxima. Olhou ao redor do bosque, mas não viu sua irmã. Teria ela se machucado ao cair do galho e alguém a ajudado a chegar até a aldeia?

– Sarah? Sarah, onde está você? - chamou em voz alta.

Não obtendo resposta, ele entrou no bosque e viu um saco cheio de maçãs atrás de uma árvore larga. Ela esteve trabalhando arduamente, embora parecesse que ela estava fazendo uma pausa em algum lugar agora. Ele colocou o saco por cima do ombro e esvaziou-o na carroça. Retornando à árvore, ele pegou os sacos vazios que pairavam sobre o ramo inferior.

De onde ele estava olhou para trás na estrada, esperando que Sarah saltasse a qualquer momento como uma brincadeira.

Mais abaixo na estrada, onde não tinha visto da carroça, estava outro dos sacos que parecia parcialmente cheio de maçãs.

Ele correu até lá e descobriu que o saco tinha sido pisoteado, provavelmente por muitos cavalos. As maçãs foram esmagadas dentro do saco e estava molhado com o suco pegajoso que atraiu as moscas. Jogou-o na carroça de qualquer maneira como prova. Prova de que,

ele não sabia, mas estava preocupado com sua irmã. Ela não costuma agir assim com o trabalho.

- Sarah. - gritou repetidamente em voz mais alta enquanto corria pelo bosque, ziguezagueando por entre as árvores.

- Venha aqui, Sarah. Se isso for algum tipo de brincadeira, eu não acho que isso seja engraçado.

Apenas o farfalhar das folhas secas no chão, quando um esquilo saiu correndo, quebrou o silêncio. Ele olhou para cima e procurou nos ramos onde ela poderia estar escondida enquanto caminhava de volta pelo bosque em direção a estrada do outro lado.

- Saía agora, maldição. Eu estou te avisando, Sarah ou eu vou para casa para dizer a mamãe que você parou de pegar as maçãs. Ela vai ficar tão louca como quando correu atrás de Tom Cat com uma mangueira de água o perseguindo para fora do galinheiro. - Ele não obteve resposta, nem mesmo uma risadinha para fazer saber a sua localização.

Ao passar, ele pegou os sacos vazios e os jogou na carroça. Após soltar o cavalo, ele se virou e puxou as rédeas para levá-lo de volta a fazenda.

De alguma forma, sua irmã estava em apuros. Sérios problemas. Jamie sabia que ela nunca teria perdido todas aquelas maçãs que estavam espalhadas pelo chão, e ela certamente não iria deixar um saco de maçãs colhidas na estrada para que os cavalos pudessem esmagá-los.

Ele dirigia a carroça para o celeiro onde sua mãe estava separando o joio do trigo. Ela lançava o trigo recentemente colhido no ar para o vento soprar a palha, deixando cair os grãos mais pesados de novo em sua cesta grande e plana.

- Mãe! Mãe, algo que aconteceu com Sarah.

Sua mãe deixou cair o cesto e correu para ele.

- Diga-me. Onde ela está? O que aconteceu?

Jamie explicou o que tinha visto e encontrado no pomar de maçãs.

- Os ciganos roubaram ela, eu lhe digo. Eles viram o quão bonita ela era quando eles vieram aqui a procura de folhas e os demônios a roubaram. Rápido! Vamos passar pela fazenda de Willy. Pergunte-lhes se eles viram alguma coisa. Então, vá até a aldeia e veja se alguém sabe de alguma coisa. E tente encontrar sua amiga Ellen. Se não foi os ciganos, ela vai saber se alguém o fez.

- Você não vai procurá-la também? - Jamie perguntou.

Ela balançou a cabeça.

- Pegue o cavalo. Você pode ir mais rápido e eu vou ficar aqui, se... para quando ela voltar para casa.

Jamie desceu da carroça, deixando-a ali mesmo com as maçãs, e saltou sobre as costas nuas do cavalo. Ele inclinou-se para alcançar as rédeas e fincou os pés em seus flancos. Ele estava ansioso para fazer o que sua mãe tinha dito, sobretudo porque significava um passeio emocionante no dorso nu do cavalo até a aldeia, em vez de trabalhar. Ele poderia até ter a sorte de ver a filha do seu líder.

* * * *

Sarah nunca tinha estado tão assustada em sua vida. Ela prendeu a respiração se preparando com as mãos na panturrilha grossa do centurião para olhar para o seu rosto, quando o fez e focou em seus olhos escuros perdeu o fôlego novamente. Acostumado a ser obedecido e ter tudo a sua maneira, este era um homem com o qual não se podia discutir. Seu traseiro ainda doía. Embora ela tivesse tido vontade de gritar quando ele bateu nela como se fosse uma criança, ela pressionou os lábios para não fazer barulho.

Tratada não melhor que os sacos de grãos, ela precariamente se equilibrou sobre suas coxas pelo resto de sua viagem de volta para o quartel. Os pregos de metal e as tiras de couro da armadura que estavam penduradas em seu cinto machucavam sua pele macia enquanto andava. Ela segurava firme em sua perna e levantou os seios das suas coxas para salvá-los de uma batida a cada salto. Mas quando ela sentiu seu gorro escorregar, teve que voltar a antiga posição e puxar o mais rápido possível. Ela preferia ser espancada e ferida a deixar que estes homens descobrissem que ela era uma mulher e não um rapaz.

Quando entraram no quartel do enorme comando, Sarah viu sua chance de escapar. Um homem saiu do estábulo para pegar as rédeas do centurião. Enquanto ela pensava em pular sobre os pés e, talvez, escapar quando os soldados desmontassem, o ajudante do comandante puxou-a de seu colo. Jogou-a por cima do ombro como se ela não fosse mais pesada do que qualquer fardo de palha. Ela fechou os dentes, determinada a não chorar com a dor nas suas costelas. As lágrimas queimavam nos olhos quando ela puxou o seu gorro ainda mais para baixo para esconder melhor seu rosto.

- Melhor eu te ajudar. - o monstro disse enquanto seguia o centurião para o edifício principal dentro do quartel.

Depois de passar pelas salas caiadas de branco com várias portas, entraram numa grande sala com lareira em uma parede.

Quando ele virou-a para baixo para ficar em seus próprios pés, viu que o quarto espartano continha uma cama grande no canto com uma capa de lã tingida, e diante da lareira, uma mesa e duas cadeiras de encosto alto, que eram as mais extravagantes que ela tinha visto.

As paredes caiadas de branco estavam alinhadas com escudos, lanças e espadas. Esse parecia ser o quarto do comandante e era o último lugar no qual queria estar. Ela se virou e correu para a porta aberta, mas antes que pudesse alcançá-la bateu contra a parede sólida do peito do comandante, quando ele entrou.

Ele a agarrou pelo braço e segurou-a no lugar.

– E onde você acha que está indo, rapaz?

– Longe de você, com certeza. Voltar a colher minhas maçãs. - Ele riu e sacudiu a cabeça. – Eu não vou ficar aqui e fazer o seu trabalho. Agora tire suas patas de cima de mim.

Seu ajudante chegou por trás dela e segurou-a pela cabeça. O golpe afastou seu pescoço para o lado, o estofamento do seu cabelo e o gorro lhe proporcionou um pouco de dor.

- Isso não é maneira de falar com o centurião. Você deve ficar contente por ele te trazer aqui para trabalhar, em vez de prendê-lo na praça da vila. Você teria recebido um monte de maçãs, então, meu rapaz. - Ele riu. – Todas elas seriam jogadas em você para ver quem conseguia explodir uma em sua cabeça.

Sarah sabia que ele estava certo. Estava presa com os Romanos e eles poderiam fazer o que quisessem com ela. Eles poderiam até jogá-la aos soldados para estuprá-la e bater nela, como outras mulheres que apanhavam ao quebrar suas leis ou os colocavam em perigo. Seu corpo ficou rígido com o pensamento. O centurião a sacudiu, fazendo-a olhar para ele. O gorro quase caiu e ela levantou as duas mãos para puxá-lo para baixo. Ele permitiu, mas o aperto em seus braços era o suficiente para cortar o fluxo de sangue de suas mãos e nunca afrouxava.

– Agora você vai trabalhar e me ajudar a embalar as coisas? Ou posso deixá-lo nas mãos de Lam?

Sarah estremeceu olhando sorrateiramente para Lam.

– Não, eu vou trabalhar, quando estou em casa ajudo minha mãe para que não se canse muito.

Lam riu.

– Um menino que quer agradar sua mãe. Bem Caio, fique com ele. Ele cheira muito mal para mim, não quero ficar perto. Cheira como se sua calça tivesse sido usada para limpar estábulos.

– O que tem se eu cheiro a estábulo? - ela retrucou sem pensar, - Eu faço um trabalho honesto e bom, que é mais do que eu posso dizer de você.

Lam ergueu o braço novamente, mas o centurião empurrou-a para fora de seu alcance.

– Basta. O cheiro dele é fácil de corrigir com um banho morno, mas suas roupas são uma causa perdida. Encontre um pequeno par de caneleiras de inverno e uma túnica de escravo. Isso é o que ele

usará enquanto estiver aqui. Vou levá-lo para o banho comigo. Eu cheiro tão mal quanto ele, por ele ter estado no meu colo.

Lam o saudou e saiu. O comandante a puxou para a mesa e empurrou-a para uma das cadeiras.

– Sente-se ali enquanto eu tiro a roupa e não se mova. Depois, você pode fazer o mesmo e vamos queimar os trapos que você está vestindo.

– Eu não vou fazer tal coisa. Eu não vou tirar minha roupa na sua frente e eu não sou de tomar banho. Eu já tomei um este verão, e se eu tomar outra agora, ele vai me deixar com febre.

O comandante riu.

– Uma crença curiosa... mas você está cometendo um erro.

Ele colocou o capacete em cima da mesa. Ela tinha razão. Seu cabelo era escuro e estava úmido nas ondas curtas que surgiam depois de ter ficado preso debaixo do capacete. Seu rosto era bonito, agora que ela podia ver tudo. Ele estava barbeado embora sua mandíbula estivesse escura já. A fenda no queixo, que ficava coberta por seu capacete, chamou sua atenção. Ela passou a língua sobre o lábio inferior e se perguntou o que sentiria ao colocar a sua língua em sua boca.

Colocou sua espada na mesa antes de desafivelar a proteção que segurava o couro que ele usava. Sarah olhou para a espada e se perguntou se ela poderia empunhá-la e tentar escapar. De repente, o comandante riu. Ele fazia muito isso, ela pensou enquanto olhava para cima para ver o que era tão engraçado.

– Acho que você quer pegar e apontar aquela espada na minha direção, rapaz. Pois bem, vá em frente e tente.

Ela franziu a testa, pensando se aquilo era uma armadilha.

– E ter alguém aqui para me matar por levantar a espada contra o seu comandante?

– Ninguém virá. Bem, vá em frente. Aponte-a para mim.

Sarah não precisava de mais incentivo. Ela pulou da cadeira e puxou a espada da bainha. A lâmina caiu sobre a mesa e ela recuou com ela, riscando a madeira escura. Mas quando chegou à ponta da mesa, a ponta da arma caiu em direção ao chão. Não foi tanto tempo, mas não esperava que pesasse tanto, levou um momento para levantá-la para apontar para ele.

Ela a segurou lá por apenas alguns segundos antes que ela abaixasse. Por muito que quisesse fugir, não podia matá-lo ou até mesmo cortar-lhe um pouco para abrandá-lo. Ela teria que esperar o seu tempo e escolher um melhor momento para escapar.

Naturalmente, o comandante achou que sua mudança de opinião era muito engraçada. Ele riu enquanto recuperava a espada de sua mão e a colocava em sua bainha sobre a mesa.

- Você vai parar de rir de mim? Você me roubou de onde eu estava fazendo um trabalho honesto e agora você quer me humilhar. Você não pode simplesmente me deixar ir?

- Você não vai a lugar nenhum até que tenha tomado um banho. - ele disse severamente.

Ele começou a despir sua tanga, jogando suas roupas sobre a cama.

- Bem? O que você está esperando? Tire as roupas.

- Eu não vou. - Sarah disse enquanto corria para a porta.

Em dois passos rápidos, o comandante a agarrou e puxou-a para uma porta diferente perto da lareira. Eles caminharam, ou melhor, correu para não cair, por um corredor. Apesar das paredes de pedra, ela podia sentir que o ar que estava ficando mais quente e mais úmido. No final quando eles se viraram, atravessaram uma pequena ponte, onde o vapor de água subia.

Ela nunca tinha visto nada parecido. Claro, ela tinha visto a pedra e a madeira dos córregos que os romanos construíram para levar água para o banho. Um deles foi tirado de sua fazenda. Era realmente muito interessante, mas ver a água quente correndo ao longo da calha de pedra era uma maravilha.

Eles passaram por um quarto com uma pequena piscina e várias outras ao longo da parede, e então entrou em uma grande sala que não tinha muito piso. Todo o centro era uma piscina de águas claras, com apenas uma passagem em torno do exterior nas paredes.

A água corria de um lado e caía sobre o outro de uma seção onde a borda era menor.

Um velho correu a seu lado e lhe entregou uma toalha grande, que o centurião pegou com um gesto de agradecimento e jogou por cima do ombro.

- Dê-me uma para o menino também e volte em poucos minutos para pegar suas roupas. Eu as quero queimadas. Lam deve trazer as limpas em breve. Basta colocá-las com a minhas no meu quarto, então vamos pegá-las quando sairmos. - O homem inclinou-se. - Pode nos deixar. Vai demorar muito para conseguir tirar o fedor dele.

O homem curvou-se novamente e saiu da sala, sem dizer uma palavra.

Capítulo Três

Quando o centurião a soltou, Sarah manteve as costas contra a parede. Ela não queria ficar muito perto da água onde ela poderia cair. Presa entre o romano, que poderia dar a ela exatamente a punição que ele desejasse e a água que poderia afogá-la se caísse, ela começou a tremer de medo. Ela não sabia nadar, mas afastando-se dele, ela se recusava a dar-lhe a satisfação de se afogar em sua própria piscina.

- Afasta-se de mim, seu louco romano.

- O centurião anterior cortava a língua dos antigos escravos para que não dissessem algo que ele não gostasse. Devo usar você de exemplo por me xingar? - Ele perguntou quando jogou de lado sua tanga e caminhou lentamente em sua direção.

Seu corpo era uma maravilha. Seus músculos fortes nos braços e no peito. O cabelo escuro no peito desaparecia na cintura fina, indo em direção a seu pênis enorme que se virava de lado com cada passo que ele dava.

- Olhando para ver o que você vai parecer um dia? - ele perguntou com um sorriso. - Seja paciente. Sua masculinidade vai crescer em breve.

Antes que ela percebesse o que ele estava fazendo, o comandante puxou seu casaco e jogou-o pela porta.

- Pare com isso. Devolva meu casaco. - Ela não se atreveu a tentar pisar em torno dele para pegar sua jaqueta.

- Tire os sapatos. - ele ordenou, ignorando completamente o seu pedido.

- Para quê?

- Você vai tirá-los ou eu vou ter que fazer isso para você?

Ela deslizou os pés dos sapatos de couro desgastado. A palha que tinha colocado neles para proteger seus pés contra as pedras na estrada e para mantê-los quentes no dia de outono frio caiu no chão de azulejos. Sem mostrar qualquer preocupação, ele não hesitou em terminar de despi-la. O gorro caiu de lado e seu cabelo ruivo caiu sobre seu rosto. Ficou congelada no lugar, por estar tão assustada com o que ele poderia fazer a seguir, agora que via que era uma mulher, ela quase não respirava.

- Por Zeus, nunca quis cortar seu cabelo, rapaz?

Seu alívio por não ter sido descoberta durou apenas alguns segundos. Ele puxou sua camisa de sua calça e tirou-a sobre sua cabeça, expondo os seios nus. Ela soltou uma respiração rápida e cobriu os seios com os braços cruzados para escondê-los. Não

percebendo, no entanto, ele jogou a camisa com as outras coisas pela porta e estendeu a mão para o laço de couro em torno de sua cintura.

- Pare com isso! Por favor. Por favor, pare com isso.

Ela poderia dizer exatamente quando ele percebeu que seus seios estavam inchados acima de onde os braços estavam prensados contra eles. Seus dedos congelaram segurando as pontas do laço. Ele olhou para seu rosto e então para baixo outra vez como se ele não pudesse acreditar no que via.

Lágrimas picavam seus olhos e incapaz de detê-las, elas escorriam por seu rosto. No entanto, ela apertou os lábios entre os dentes e não disse mais nada a ele. Como se ainda tivesse dúvidas quanto ao seu sexo, ele franziu a testa e puxou a tira de couro em torno de sua cintura. O laço soltou-se e a calça de Jamie caiu no chão, reunindo-se em torno de seus pés.

- Zeus! - Jurou.

Caio estava tão chocado por o rapaz errante de repente se transformar em uma mulher que ele quase não ouviu os passos arrastados do velho escravo retornando com a roupa.

Reagindo imediatamente, pegou a mulher pela cintura e a jogou na água. Ele chutou seus pertences mal cheirosos em direção à porta com sua roupa e quando o velho entrou no quarto de banho, Caio saltou para a água também.

Ela parecia lutar para respirar e viu que o velho estava parado na porta olhando para ela. Caio estendeu a mão e empurrou sua cabeça sob a água outra vez com força suficiente para mandá-la para o fundo. Por alguma razão, queria mantê-la em segredo por enquanto.

Ficando entre ela e o escravo, ordenou que a roupa do rapaz fosse queimada de uma só vez.

- Eu não quero que elas fiquem nos banhos. Então não há necessidade de nos incomodar de novo. Tirar este fedor vai demorar um bom tempo de imersão e eu não quero ser incomodado.

O velho acenou com a cabeça e recolheu as roupas. Segurando o vestuário ofensivo a um braço de distância do seu nariz, ele afastou-se, deixando Caio e o rapaz sozinhos.

Só então Caio percebeu que ela não tinha voltado até a superfície atrás dele. Tomando fôlego, ele mergulhou na água e a puxou para cima. Puxando-a pelos ombros, ele caminhou para o lado, pronto para levantar e começar a trabalhar para fazê-la respirar novamente. Mas, com a força do puxão em seu ombro, ela começou a tossir e arranhar. Ele abaixou os pés primeiro na água e segurou o rosto acima da superfície com uma mão e a outra em sua axila. O volume de seus seios se sentia macio e quente pressionado contra seus pulsos.

Ela deu um tapa ineficaz nele enquanto se asfixiava.

- Deixe-me ir, seu bruto. - ela ordenou, quando recuperou o fôlego. Ela tirou o cabelo que pendia escorrendo sobre seu rosto.

Ele sorriu.

- Você é linda quando está com raiva, mas não posso deixar você ir, porque você vai se afundar novamente. - Liberou-a para provar seu ponto, mas ela imediatamente agarrou seus braços, não querendo ir para baixo outra vez.

- Está tudo bem agora?

- Primeiro você me enfia na água e tenta me afogar e agora você espera que eu acredite que você está preocupado sobre como eu estou me sentindo? - Ela puxou mais seu cabelo que estava irremediavelmente entrelaçado sobre o rosto.

- Aqui. Deixe-me ajudá-la com isso. - ele ofereceu. Ele ergueu seu quadril e com um braço em volta dela começou a deslizar sua cabeça de volta na água.

- O que você está fazendo? - Gritou com uma voz assustada. Ela o segurou com força, jogando seus braços em volta do pescoço e se agarrando a ele, com medo de se mover.

- Apenas relaxe. - ele pediu. - Por mais que eu preferisse ter você pressionando seus seios contra o meu peito, eu estava apenas tentando tirar o seu cabelo do rosto.

Ela ajeitou os cotovelos e permitiu que ele mergulhasse a parte de trás da cabeça na água e puxasse os cabelos do rosto. Chegando a superfície da borda da piscina, ele molhou o dedo no sabão mole e começou a passá-lo em seu cabelo.

- Não se sente bem assim?

- Sim, mas eu vou pegar uma febre, com certeza, agora que meu cabelo está molhado.

- Não, você não vai. Isso é um absurdo. Aqui. - disse ele, entregando o sabão. - Esfregue nas extremidades.

- Eu tenho medo de deixar você ir. Você vai tentar me afogar novamente.

- Eu não a joguei para afogá-la.

- Não foi o que pareceu para mim.

- Eu queria mantê-la em segredo dos outros um pouco mais.

Ela sorriu. Ela gostou da idéia de ser o seu segredo.

- Eu não queria que ninguém me incomodasse até que eu decidisse o que fazer com você. - ele disse bruscamente. - Eu não sabia que você não sabia nadar. - ele acrescentou baixinho.

- Por que eu saberia nadar? A única vez que eu estive em águas profundas o suficiente para nadar foi quando eu caí no rio. Meu pai me salvou, segurando um ramo que ele estava usando como uma vara de pesca. Eu segurei e ele me puxou para a praia.

Ela encolheu os ombros como se não tivesse sido nada, mas tinha a sensação de que tinha ficado petrificada na água.

– Isso é um bom motivo para saber nadar, no caso de você cair de novo.

Ela balançou a cabeça e começou a sentir o quanto seus corpos estavam se tocando e como o seu corpo mexia com o dele.

– Que doce tortura. - Ele segurou-a firmemente, mas com cuidado, mas desejava que ela colocasse os braços para trás ao redor de seu pescoço para que ela pudesse pressionar os seios em seu peito novamente. Isso o fazia se sentir tão bem.

Pensou em seu engano e como suja e malcheirosa suas roupas estavam. Como poderia se sentir tão atraído por ela... Tinha passado muito tempo desde que se sentiu atraído por uma mulher. Com exceção da jovem filha de um de seus escravos, que sempre ia até ele, ele não esteve com outra mulher durante meses, desde sua última batalha. As mulheres da aldeia que tinham sido separadas como servas para deixá-los enterrar seu pau nelas, tinham ficado com seus gladiadores. Sexo depois de uma batalha era emocionante.

Ele sorriu ao pensar em como seria o sexo em um banho.

– Aqui. - disse ele, segurando o prato de sabão líquido para ela.

– Você vai precisar de um pouco mais para as extremidades.

Caio ficou olhando a mulher pegar um pouco de sabão em uma mão e esfregá-lo em seus longos cabelos. Ele estava feliz por ela estar começando a confiar nele, mas quando ela chegasse perto o suficiente para sentir a ereção que estava começando, sua confiança acabaria rápido demais.

Momentos depois, ela soltou as duas mãos e se virou de costas para dar uma boa esfregada. Ele sorriu enquanto observava seus seios e os movimentos rápidos dos braços.

Ela olhou para ele quando a espuma pálida cobriu o cabelo como os invólucros que as mulheres locais utilizavam e ele a reconheceu.

Ela era a mulher do posto de abastecimento de seus grãos. Ele compreendeu agora. Se os legionários que a perseguiam tivessem qualquer idéia sobre os tesouros que estavam sob sua roupa e o gorro que ela usava, ele não poderia culpá-los por estarem ofegantes atrás dela. De repente, a idéia de seus homens a tocarem lhe irritou.

– Eu acho que ele está limpo agora, não é? Se eu o esfregar mais, pode cair.

- Bom, agora coloque novamente os braços em volta do meu pescoço. - Ele mandou mais acentuadamente do que pretendia.

Ela fez o que lhe foi pedido e ele adorou sentir seus seios contra o peito. Seu pênis se endureceu mais, gostava do jogo e ele estava jogando. Ele começou a mover-se através da piscina em direção à

saída do banho e ela entrou em pânico, envolvendo ambas as pernas em torno dele também. Ele suspirou interiormente e seu pênis cresceu mais.

– Pare. Aonde você vai? - Perguntou ela.

A princípio ele pensou que ela estivesse querendo saber o que estava fazendo para deixar seu pênis duro, mas ele rapidamente percebeu que ela estava com tanto medo de estar na água que queria saber onde estava indo. As espumas haviam deslizado sobre sua testa e fazia seus olhos arderem. Ela tentou lavá-los com uma mão de cada vez, mas isso não ajudava muito.

– Feche os olhos e confie em mim. Eu só estou levando o excesso sobre o outro lado onde eu vou lavar o cabelo e deixar o fluxo de espuma e sujeira para fora da banheira. Eu não vou te afogar, eu prometo.

Ele não sabia se a espuma, sua promessa ou o ardor nos olhos, a fez obedecer, mas ela o fez. Ele segurou-a firmemente contra ele e cruzou para a piscina.

– Agora, eu tenho você. Encoste-se e deixe a água fluir afastando a espuma.

– Você não vai me deixar ir? - Ela perguntou, olhando para ele através de um olho enquanto tirava o sabão do outro.

- Nunca.

Seguindo suas ordens, ela lavava a espuma do rosto, segurando o nariz e molhando-o na água, ambos riram de sua ousadia na água. Em seguida, mergulhando seus dedos em outro prato de sabão que estava na borda, ele caminhou com ela até o meio da piscina.

- Eu prefiro ficar no lado onde eu possa agarrá-lo.

– Não seja boba. Agente firme. - ele disse quando a deixou e esfregou as mãos para fazer espuma.

– Agora lave o resto de você. - ele disse baixinho. Ele acariciou o pescoço e os ombros que estavam acima da água, porque ela tinha as pernas dela enrolada na cintura para segurar sua cabeça acima da superfície.

– Eu sei o que você está tentando fazer.

– Oh, você sabe? - perguntou ele com uma risada.

– Claro que sim. Eu moro em uma fazenda.

– Eu sei que sim.

– Você sabe quem eu sou?

Ele deu de ombros e não explicou.

– Oh, bem, eu apenas queria que você soubesse que eu sei certamente o que acontece quando um homem e uma mulher ficam nus junto.

- Bom. E você já fez isso. O que você faz quando está nua com um homem? - Ele poderia jurar que suas bochechas ficaram vermelhas e ela olhou para os pêlos do peito.

- Bem, sim, mas eu nunca fiquei com ninguém nu e nem foi alguém da fazenda. Foi tão rápido que eu mal soube o que aconteceu. - Ela encolheu os ombros. - Eu não sabia o que fazer. Eu abaixei minha saia depois e voltei a trabalhar.

Pendurada com apenas uma mão em seu ombro e as pernas ainda fechadas com segurança à sua volta, ela brincou com os pêlos crespos em seu peito e arrastou a unha até seu umbigo. Seu pênis levantou-se e colidiu com sua parte inferior. Seu olhar assustado momentâneo lhe disse que tinha sentido isso.

- Gosto de estar com você. É muito melhor do que os outros. Seu corpo é bonito.

Ele riu.

- O corpo de um homem não é bonito. - Caio insistiu.

- Bem, o seu é. Você tem tantos músculos e todos nos lugares certos.

- Obrigado, mas deixe-me dizer uma coisa: com o seu cabelo ondulado limpo e cobrindo seus ombros cremosos, você está linda. Você tem seios que qualquer homem gostaria de chupar e seu... Bem, você é linda. Por que você se esconde sob as roupas horríveis e deixa seus cabelos sujo e presos?

- Bem, se a saia que você veste descesse até os tornozelos e você tentasse escalar uma cerca para levar as vacas, ou uma árvore para apanhar maçãs, você entenderia. Gosto das roupas do meu irmão para trabalhar e para manter os homens longe de mim.

Caio lançou a cabeça para trás e riu. Querendo mais nada naquele momento do que beijá-la e ele o fez. A partir do momento em que seus lábios se tocaram, ondas de prazer fizeram seu pênis latejar. De repente, o beijo foi apenas uma pequena parte do que ele queria fazer, mais do que qualquer outra coisa.

Quando o beijo terminou, Caio começou a esfregar círculos lentos de sabão em seus ombros e em baixo de cada braço, por sua vez, segurando-os acima da água. Lavar levava tempo. Ele segurou sua cintura enquanto ela lavava os braços e ombros. Em seguida, puxando-a contra ele, esfregou as costas e as nádegas massageando-os. A espuma há muito tinha flutuado para longe, mas o banho havia se tornado algo muito mais agradável do que apenas um método de conseguir se limpar. Ele gemia enquanto apertava seu pênis inchado contra ela.

- Simmm. - ela sussurrou baixinho quando ele ensaboou as mãos e massageou seus seios. - Oh, você me faz sentir de maneira

tão estranha aqui. - disse ela, deslizando a mão em toda a sua barriga.

Caio lutou para se controlar. Esta mulher agarrada a ele era uma deliciosa mistura de inocência e calor feminino. Zeus, como ele a queria. Ele tomaria seu tempo e desfrutaria dela ao máximo. As lembranças deste dia seriam agradáveis na longa viagem para casa. Mas agora, ele precisava desacelerar e trazê-la para o estado de prontidão que ele tinha alcançado rapidamente.

- Você já viu uma tora preguiçosamente flutuar em uma corrente? - Ele perguntou.

- Sem dúvida.

- Vou ensiná-la a flutuar como a tora.

Ela jogou os braços ao redor de seu pescoço, seu corpo batendo contra o seu, o pênis duro preso entre eles.

- Não! Eu vou me afogar.

- Não, você não vai. Eu prometi que não iria deixar, lembra? E eu mantenho minhas promessas.

Ela segurou seu olhar por alguns segundos e começou a relaxar seu aperto.

- O que eu tenho que fazer?

- Deite-se no meu braço. - Lentamente, ela se inclinou para trás, mas manteve sua mão no braço como segurança. - Confie em mim. - ele pediu. - Basta relaxar e deixar a água segurar você.

Mantendo um braço em volta dela para que ficasse com a barriga para fora da água, molhou os dedos da outra mão no sabonete e começou lentos e sensuais círculos em sua pele macia. Ele circulou cada seio e apertou os mamilos, seduzindo-os para ficarem duros. Ela sorria com prazer e ele podia sentir seu corpo relaxar mais e mais a medida que confiava nele.

Depois que ele acariciou cada seio, ele deslizou a mão para sua barriga. Após a massagem, ele mergulhou um dedo no seu umbigo e provocou-a.

- Você está me fazendo sentir muito quente por dentro.

- Onde?

- Aqui.

Com seus dedos revestidos de espuma novamente, ele massageou seus pêlos pubianos. Ele ouviu seu suspiro de prazer quando mergulhou um dedo, onde se encontrou com sua coxa, e depois no centro, entre suas dobras.

- Eu não sabia que podia me sentir assim. - ela disse com uma voz fraca.

- Você quer se sentir ainda melhor? - ele perguntou, pedindo a Zeus uma resposta afirmativa.

Ela encontrou seu olhar.

– Você poderia fazer isso? Os outros nunca fizeram.

Foi a sua ruína. Zeus, mas ele queria que ela parasse de falar sobre os outros homens em sua vida.

– Oh, eu quero sentir mais que isso. Eu nunca me senti assim uma única vez, porque não vai demorar muito vou ter que casar com alguém da aldeia que seja forte e que possa trabalhar na fazenda. Se ele for como os outros... - As palavras dela sumiram e deixou-o chegar a mesma conclusão que ela.

– Por que você tem que fazer isso?

– Porque nós precisamos de ajuda. Tem sido muito duro desde que papai morreu. Mamãe tem sempre insinuando que precisamos de um homem forte para fazer o trabalho que ele costumava fazer. Ela sempre me disse para manter meus olhos abertos e encontrar alguém que conheça a agricultura e que quisesse se casar comigo.

Caio balançou a cabeça. As mulheres que conheceu em Roma procuravam homens ricos para se casar, assim elas nunca teriam que levantar a mão para o trabalho. Elas só estavam interessadas em encontrar roupas bonitas e a mais recente maquiagem para seus rostos.

No entanto, a mulher em seus braços parecia disposta a trabalhar e assumir as responsabilidades de sua família, sem se preocupar com o que parecesse no processo. Ela era diferente de qualquer mulher que ele tinha conhecido e sua forte atração por ela o intrigava. Ele olhou para ela e riu de repente.

– Sabe, eu tenho você nua em meus braços e eu nem sei seu nome.

– Sarah. Mamãe é que me nomeou, porque ela disse que eu parecia tão doente, mesmo quando eu era um bebê.

– Bem, você não precisa esperar mais para se sentir bem. - Ele deslizou os dedos entre suas dobras novamente, acariciando para cima e para baixo.

– Espere, me diga o seu nome. - ela insistiu.

– Caio. - ele respondeu, e nem sequer pensou em dizer que ela deveria tratá-lo como centurião. - Deixe as pernas abertas para mim.

Ela olhou para a porta do corredor.

– Ninguém virá de novo, né?

– Eles não ousariam. Eu os esquartejaria.

Ela riu, pensando que ele estava brincando e em como era bonito o seu sorriso.

Quando as pernas dela flutuaram, ele a atormentou afagando levemente, e, em seguida, esfregou o clitóris de um lado para outro. Como ele estava duro! Ela arqueou as costas e quase enfiou seu rosto debaixo d'água com o movimento. Ela soltou um grito de medo e

rapidamente endireitou as costas e ele ergueu-a com o seu braço segurando-a com firmeza.

– Veja, eu disse que não iria deixá-la afogar-se. - disse.

Quando ela relaxou novamente, ele deslizou um dedo para cima e para baixo sobre o clitóris. Sorrindo, ela levantou a mão para acariciar seu pescoço e correr os dedos sobre as dobras de seu ouvido.

– Oh, sim! Isso faz com que meus braços pareçam toras pesadas. Mal posso movê-los. - Ela os deixou cair na água com ruído enquanto seu clitóris era esfregado com suavidade.

– Assim é como deveria ser. - disse ela. Ele puxou-a para perto e se inclinou para beijá-la.

Os lábios dela eram macios, flexíveis e estavam abertos para dar-lhe a entrada que procurava. Ela levantou a mão para acariciar seu peito e ele deslizou um dedo dentro dela. Seu polegar continuou esfregando seu clitóris, e ela deixou cair a mão na barriga.

– Você sente o calor crescendo dentro de você? - Ele perguntou antes de descer a cabeça novamente para seus lábios para poder pressionar e girar sobre os dela.

Ao romper o beijo, ela disse:

- Sim, mas algo está acontecendo comigo. - ela disse, arqueando as costas novamente.

– Sim, é certo. Apenas deixe que isso aconteça. - ele pediu, empurrando dois dedos dentro e fora, enquanto circulava o seu clitóris com o polegar.

Ele ergueu-a mais alto na água e tomou o seio dela na boca, chupando com força. Ela gritou enquanto seu corpo se enrijecia e seu primeiro orgasmo vinha. Ele ordenhava todos os espasmos que podia com os dedos, e diminuiu a pressão quando ela relaxou em seus braços. Deitada na água com os olhos fechados, os braços flutuavam pelos lados.

Lentamente, ele abaixou o braço sob o seu até que ele não estivesse mais a apoiando. Ele sorriu.

– Viu? Você está flutuando.

Ela não ficou tensa de tudo. Ela apenas sorriu e ficou na água.

– Se o que estava fazendo era me fazer flutuar, eu quero fazê-lo novamente e novamente.

Rindo por ela ter entendido mal, ele chegou perto dela e puxou-a para junto dele. Seus olhos estalaram abertos, ela colocou os braços em volta do pescoço, seu corpo contra o seu. Ele a beijou suavemente.

– Você é tão bonita.

– Ninguém nunca me disse isso antes. Ninguém jamais fez o que você me fez também. Mas e você? - Envolveu uma mão em torno de seu pênis. – Isso me diz que você não recebeu o seu prazer.

Ele engoliu uma respiração entre os dentes.

- Você quer me dar prazer?

Sarah apertou seu pênis duro contra seu estômago e esfregou-o para os lados.

- Sim. - ela disse. - Eu quero você. Eu quero senti-lo dentro de mim. - Ela beijou-o duramente, pressionando a língua contra os lábios até que ele abriu para ela desta vez. Ela deslizou a ponta da língua pelos dentes, antes de mergulhar no mais profundo ponto de prazer com ele.

Ele ergueu-a com uma mão em cada nádega até ter seu pênis ereto pressionado contra suas dobras. Ela girou sua parte inferior um pouco para que pudesse deslizar dentro e parou. Sentiu-se apertada em torno dele. Ela interrompeu o beijo com um suspiro profundo.

- Você é tão grande.

- Muito grande?

Sarah balançou a cabeça.

- Acho que não. É uma sensação muito boa.

Apoiando as mãos em seus ombros, enganchou os calcanhares atrás de suas coxas e pressionou seus quadris para baixo, tendo mais de seu pênis. Ela queria tudo dele.

Ele ergueu-a lentamente, em seguida a desceu lentamente, podia sentir sua impaciência crescer. Seus seios contra o peito duro, ela abaixou-se sobre ele, acelerando o ritmo de seus golpes. A água espirrou em torno deles conforme se moviam mais rápido até que o calor maravilhoso a encheu novamente. Ela gritou, os espasmos dela em torno dele, ele a puxou e a segurou firmemente contra seu peito enquanto ele lançava sua semente na água onde ela seria levada para longe dela.

- Deus, eu não sabia que poderia ser assim. - ela disse suavemente.

- Foi especial.

Quando seus batimentos cardíacos se aproximaram do normal, sabia que era sua vez de lavá-lo. Ela ficou espantada por ele poder flutuar de costas em cima da água sem tocar nos lados da piscina, mesmo quando ela se afastou dele. Ele ensinou-a a mover as pernas para que pudesse manter a cabeça fora da água, mas era mais confortável quando ela ficava perto dele e mantinha um braço de apoio ao seu redor.

Com as duas mãos livres, ela lavou o corpo rígido. Escorregadio com água e sabão, os dedos acariciando cada centímetro de sua pele bronzeada. Ela ficou espantada quando seu pênis cresceu novamente quando ela acariciou-o. Ela ficou surpresa quando Caio teve ainda outro orgasmo e deixou novamente sua semente correr pela água e longe dela.

Quando ela pôde falar, ela perguntou por que ele tinha se afastado.

Ele sorriu para ela.

– Você tem bastante trabalho a fazer cada dia sem ter o meu filho agarrado à sua saia.

Encontrando seu olhar, ela percebeu que não tinha sequer pensado na possibilidade de ficar grávida.

– Então eu lhe devo minha gratidão. - ela sussurrou por causa do nó que sentia na garganta.

Mas mesmo depois que ela agradeceu, ela se perguntava por que ser privada da sua criança a fazia sentir-se triste.

* * * *

Depois de regressar a seu quarto com as reclamações de Sarah por caminhar pelo corredor nua, Caio colocou uma roupa limpa. Ele rapidamente se vestiu com uma túnica na altura do joelho sobre a tanga, mas deixou de fora o revestimento em couro, por enquanto. As roupas de Sarah eram uma calça de lã leve e uma túnica longa, como o antigo escravo na piscina tinha usado. Ele mostrou-lhe como amarrar a calça e abaixou a túnica na cabeça, correndo as mãos sobre seus seios mais uma vez antes do tecido cobri-los. Ele sorriu quando ela lhe disse que o par de sapatos usados pelos escravos eram os mais bonitos que ela já teve. Ela puxou os laços para adequá-los e andou em círculo olhando para eles.

– Eu nunca vi desenhos tão bonitos no couro. Os meus só têm os furos para os laços. Se rasgar, eu faço outro buraco ao lado dele.

Ela admitiu que nunca tinha usado um tecido fino como aquele.

– É tão bom sentir na pele. - ela disse.

– Eu nunca fiz qualquer tecelagem, mas eu acho que é tudo uma questão de ter mais fios indo a cada sentido.

Ela fez uma careta para ele.

– Eu posso estar vendo coisas novas pela primeira vez, mas eu não sou ignorante. Eu posso ver o que se faz com a tela de modo que fique muito mais fina do que a minha túnica velha.

– Claro que você pode. Venha. Sente-se aqui perto do fogo para seu cabelo secar.

Fez como ele disse e retirou a toalha que lhe envolvia a cabeça. Seu cabelo caiu sobre os ombros. Ele levantou os fios e os separou.

– Seus cabelos brilham num tom vermelho e dourado à luz do fogo. É uma vergonha cobri-los como você faz.

– Eles só ficam no meu caminho se eu deixá-los soltos.

Ele pegou um pente de marfim e começou a passá-lo através dos fios, começando na parte inferior de cada um e trabalhando a sua maneira até um pouco mais. Quando os emaranhados tinham ido embora, ele levantou as mãos e puxou-a em seus braços. Ela olhou para ele e capturou os lábios em um beijo suave.

- Tudo feito.

- Eu não posso acreditar que realmente se sente bem ficando tão limpo. - ela disse. - E eu ainda posso cheirar a lavanda do sabão.

- Ela o olhou sorrindo e acrescentou - Eu acho que é por isso que eles colocaram o cheiro no sabonete, não é?

Caio sorriu e acenou com a cabeça.

- Você ri muito, não é? - perguntou ela.

Elevando o queixo com o dedo, ele a beijou delicadamente.

- Não, não realmente, mas você me faz rir.

- Você não está rindo de mim, não é?

- Não. Nunca. Você é divertida e eu gosto de ver como você reage aprendendo coisas novas.

- Ah, tudo bem então.

Ele a teria beijado novamente, mas uma batida na porta e eles se separaram. O jantar chegou e eles sentaram-se à mesa perto do fogo para comer. Se o escravo ao servir-lhes ficou surpreso ao ver uma mulher com seu comandante agora, ao invés do rapaz que veio com ele, não demonstrou, que era como deveria ser.

- Eu acho que você não come essas coisas a cada noite. - Ela olhou com os olhos arregalados.

- Sim, mas eu nunca vi uma refeição tão boa para comparar com esta. A carne e os vegetais são preparados na hora. Mmmm, macios e suculentos.

- Isso é normal para o centurião.

Ela parecia um pouco constrangida por seu comentário.

- Claro que sim. Eu não tinha pensado nisso.

O silêncio após o comentário dela era tão espesso que poderia ser escavado com a colher.

- Então se você estivesse em casa hoje à noite, o que você estaria comendo?

Carrancuda, ela perguntou:

- Você quer realmente saber?

- Eu não teria perguntado se não quisesse saber.

Ela assentiu com a cabeça e aceitou a sua resposta.

- Bem, o jantar em casa é tudo o que foi cozinhado na panela durante todo o dia. Nós jogamos mais vegetais a cada dia e de vez em quando um pouco de carne. Muda pouco, mas eu não estou reclamando. Pelo menos é quente e enche a barriga. - Ela largou o garfo e recostou-se.

- Você é um homem de muita sorte.

Ela não sabia da missa a metade, ele pensou. Ele estava passando a noite com uma mulher bonita e amanhã ele estaria indo para casa. Um soldado não teria mais sorte, mesmo se ele quisesse dizer que teria que lutar para defender Roma contra os invasores, uma vez que chegasse lá.

Depois que a refeição foi partilhada, Caio foi tentado a levá-la para sua cama. Ela despertava um apetite sexual que ele não sentia há anos. Mas, pensando na dor de sua família preocupada com o que teria acontecido com ela, ele disse.

- Eu tenho que fazer as malas ainda esta noite.

- Eu nunca ajudei com isso.

- Não, é tarde. Vou mandar alguém levá-la para casa.

Ele viu a decepção em seu rosto, porém apenas por um segundo ou dois, mas ela rapidamente disfarçou. Ele era centurião e não poderia sair no meio da noite para levar uma mulher para casa. Ou teria sido a tristeza de ter que sair quando ela preferia permanecer ali?

- Não, não se incomode em chamar ninguém. Não é muito longe da fazenda e eu vou aproveitar o passeio nesses sapatos. - Ela sorriu, e então rapidamente acrescentou - Oh, eu vou trazê-los de volta no dia seguinte.

Ele sorriu e abanou a cabeça.

- Não, você pode manter as roupas. - acrescentou. - E os sapatos também. - Seu sorriso era a sua recompensa.

- Obrigada. - ela disse baixinho, olhando para ele tão fervorosamente que ele ficou nervoso com medo de que ela pudesse ler o que ele estava pensando.

Ele afastou o seu olhar, pegou uma caixa e tirou a metade do comprimento de um braço de uma fita que ele tinha comprado na festa da colheita do ano anterior.

- Vire-se. - pediu. Quando ela se voltou, ele reuniu suas tranças longas em suas mãos e amarrou a fita à sua volta na parte de trás do pescoço. - Já está. Agora você não precisa se preocupar com seu cabelo ficar voando no caminho de casa. - Não a deixando se virar, ele agarrou seus ombros e beijou o topo de sua cabeça.

Ele estava se sentindo culpado por tê-la usado? Ela certamente tinha apreciado o seu tempo juntos, tanto quanto ele. Ele não tinha nada para se sentir culpado e ela não estava disposta a entreter o pensamento de que ele se preocupava com ela. Ele estava deixando a Grã-Bretanha. Se preocupar com uma mulher local era tolo e um centurião nunca deveria ser tolo.

Ele virou-se para a porta assim tão de repente, que acidentalmente bateu a parte traseira de sua cadeira com o braço. A

cadeira caiu no chão com um barulho que explodiu no quarto silencioso. Seus olhos se arregalaram e ele imediatamente se arrependeu por assustá-la.

Ele segurou a mão dela e sorriu para colocá-la à vontade.

– O sol já está saindo. Devo mandá-la pra casa ou sua família vai se preocupar.

Capítulo Quatro

Caio levou Sarah para fora de seus aposentos. Lam ficou perto, como sempre fazia, mas agora ele olhava para Sarah todo o tempo. Caio suspirou. Ele sabia que Lam gostaria de saber como o rapaz mal cheiroso se transformou na bela mulher a seu lado. E pela primeira vez, ele queria que seus quartos fossem longe e assim ninguém poderia vê-la ir embora. Mas isso nunca iria acontecer. Ele era um Centurião e, como tal, ele era visto e bem guardado.

Caminhando para o portão do quartel, ele ignorou os olhares dos soldados. Ninguém ousou questionar o comandante sobre a bela mulher vestida como um escravo romano, que caminhava a seu lado. Sarah caminhou rapidamente para acompanhar seus passos longos, de cabeça baixa o tempo todo.

Fora do portão, ela se virou para ele.

- Eu vou sempre me lembrar disso. - Ela sorriu. - Obrigada por me ensinar a... flutuar.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou a cova no seu queixo. Ele chegou a segurá-la para um último beijo, mas ela correu até o portão para a última luz fugaz do dia. Quando um cavalo a galope apareceu na estrada, ela já tinha corrido para o mato e desaparecido de sua vista.

Quatro soldados apareceram a seu lado ao mesmo tempo, preocupados. Caio levantou o braço para colocar a mão no punho de sua espada, quando ele percebeu que realmente tinha esquecido a sua espada antes de sair de seu quarto. Sorrindo, ele olhou para a floresta onde ela tinha desaparecido e disse-lhe em silêncio: *Vou me lembrar também.*

O cavaleiro rapidamente se identificou como um mensageiro que vinha do porto do sul.

- Centurião, eu vim de Roma, onde os bárbaros estão pilhando e incendiando a cidade. Eu quase não consegui sair vivo com esta mensagem do imperador. Ele teme que tudo esteja perdido, a menos que receba a ajuda de mais soldados ao mesmo tempo. - Ele curvou-se e entregou um pergaminho enrolado a Caio.

- Recebam-no com comida e cuide de seu cavalo. Ele pode voltar quando estiver descansado.

O mensageiro saudou e caminhou em direção à cozinha com dois guardas. Mas Caio já tinha se virado para voltar a seus aposentos. Lá, ele quebrou o selo e desenrolou a mensagem rapidamente lendo-a.

Por Zeus, o navio estava na porta esperando por eles.

A legião sairia logo que possível e navegaria de volta para Roma. Não poderia haver atraso.

* * *

Com medo de que Caio mudasse de idéia e não a deixasse livre depois de tudo, Sarah correu através do bosque úmido. Ela sentiu um calafrio por estar só com uma túnica fina, mas correndo se aqueceu.

Mal olhando para onde estava indo, estava pensando nas horas gloriosas que tinha passado com ele.

Embora ela sempre tivesse medo de água antes, ela acha que nunca teria novamente.

Não era capaz de acreditar em tudo o que tinha acontecido. Ela caiu e passou as palmas das mãos sobre os seios sensíveis. Sim, eles fizeram amor e ela não teria gostado de outra maneira. Durante o encontro, ela prometeu que, se a oportunidade de fazer amor com o centurião chegasse, ela iria até o fim. Sorrindo, ela nunca sonhou que a oportunidade apareceria em seu caminho e quando ela estava com Caio, nunca tinha pensado em fazer outra coisa. Ela iria se lembrar de estar com ele para o resto de sua vida.

Ela não gostava de pensar em se casar agora. Ela não acharia outro homem que a fizesse se sentir como Caio fez.

Ela sorriu com a lembrança de fazer amor na água e flutuar ao lado dele. Quando ela percebeu que ele não estava preso à ela por mais tempo, ela entrou em pânico e tentou sentar-se. Claro, ela afundou. Rindo, ele levantou-a para que ela pudesse respirar, e não corresse nenhum risco, ela segurou os braços em volta de seu pescoço.

Os braços a seu lado, ele reclinado na água com ela deitada em cima dele. Ela gritou e disse-lhe para parar de assustá-la, mas com uma volta e o movimento das mãos, manteve ambos à tona. Ela deitou a cabeça sobre o peito e os calcanhares enrolados em torno de suas pernas para mover-se com ele. Então ela estendeu os braços para fora e levantou as mãos.

- Isso é divertido. - disse ela.

Ele começou a mover as pernas mais separadas. Em pânico, ela agarrou seus ombros novamente.

- Basta relaxar e deitar-se. - disse ele. - Nós apenas estamos indo para um mergulho.

- Mas eu não posso nadar. - ela insistiu.

- Ah, mas eu posso. Agora relaxe. É divertido.

Movimentava as pernas para os lados da piscina, ele se virava e começava a nadar em círculos em volta da piscina, puxando um braço um pouco mais do que o outro para mantê-los flutuando.

- Estamos realmente nadando.

Cada vez que ele trazia as pernas para perto, esfregava seu pênis contra sua barriga e logo dava um pontapé.

- Eu não acho que ele poderia fazer isso de novo tão cedo.

-Eu diria que sou apenas um sortudo. Meu pênis está pressionado contra a sua barriga e ele gosta de estar ali. Não posso culpá-lo por querer estar dentro de você outra vez.

- Você fala como se não fosse parte de você.

- Bem, você tem que admitir, ele parece ter mente própria.

Ela riu.

- E quanto a você? Você quer estar dentro de mim novamente?

Ele parou o movimento das pernas.

- Muito. - ele disse quando levantou a cabeça para beijá-la e passou os braços em torno dela.

Sua língua dançava em sua boca e com os pés flutuou para o fundo da banheira. Sabendo que iria segurá-la, ela abriu mão de seus ombros e deslizou as mãos entre eles, onde ela agarrou seu pênis. Ele subiu em suas mãos outra vez a cada vez que ela o apertava.

Ele inclinou a cabeça para trás e gemeu.

- Zeus, o que você faz comigo.

- Posso fazer mais?

Sorrindo, ele chegou a agarrar a borda de pedra em cada lado do canto da piscina com as pernas flutuando na superfície.

- O que você quer fazer?

Segurando seu ombro com uma mão para manter a cabeça fora da água ela acariciou seu peito e depois o estômago com a outra. Ela desenhrou uma linha com o dedo em todo o pêlo de seu peito, abaixo de sua cintura até seus pêlos pubianos. Riu quando alcançou o seu pênis rosa e correu o dedo por ele, ela passou o dedo pela ponta e para trás.

- Você vai abrir as pernas para mim? - Perguntou ela com um sorriso.

Sem uma palavra, ele o fez. Ela chegou entre as pernas com seu corpo e colocou sua mão em seus testículos. Ela se virou suavemente, espantada com o quão grande eram. Ela não sabia.

- Você não está olhando para eles com planos de cortá-los e me deixar eunuco?

Ela suspirou.

- Oh, eu nunca faria isso. - Ela sorriu de repente. - Eu gosto do que você pode fazer com eles para privá-lo assim.

- Isso é bom. - ele disse com um sorriso irônico. - Eu gosto muito deles.

Segurando seu pênis ereto, ela puxou a pele para trás. Quando ele cresceu em sua mão, ela deslizou a pele sobre a ponta quanto

pôde e, em seguida, puxou-o de volta. Definindo um ritmo, ela continuou esfregando seu pênis. Gemendo, ele apertou as nádegas e empurrou-o para cima em sua mão.

Se aproximando, ela lambeu o cume em torno da ponta e passou a língua ao redor dele. Em um movimento ascendente, ela levou-o a sua boca, fechou os lábios em torno dele, e então o soltou.

Ele gemeu e espirrou água em seu rosto.

- Zeus, você está me fazendo ficar quente.

- Estou me sentindo assim também. - ela admitiu erguendo o rosto, e rapidamente passou sua língua sobre a ponta.

Com a mão livre, ele encontrou seu seio embaixo d'água e acariciou-o. Concentrando-se no mamilo, ele beliscou e torceu a ponta que se levantou rígida.

- Isso me dá esse sentimento engraçado de novo, mas eu gostei mais com você dentro de mim. - disse-lhe enquanto apertava seu pênis.

Ele sorriu.

- Suba a bordo e passeie por tudo o que vale a pena. - disse ela.

Descendo as pernas um pouco, ele a ajudou a passar uma perna até o outro lado e sentar em seus quadris. Ela gritou quando quase escorregou, mas ele agarrou seu braço e ajudou-a a montá-lo. A outra mão dele voltou para a pedra de novo e ele apoiou os dois com metade do corpo para fora da água.

Com suas pernas ao redor dele, ela colocou as mãos em seus ombros e inclinou-se para beijar-lhe os mamilos escuros. Ela circulou um com sua língua. Ligeiramente, ela beliscou e ele endureceu antes de se mudar para o outro.

Ele estava rodando seus quadris tentando deslizar seu pênis entre suas dobras, mas ela o estava segurando com muita força com as pernas.

Ela não lhe deu espaço para se movimentar.

- Relaxe suas pernas. - ele disse. - Levante-se um pouco.

- É isso que você quer? - Perguntou ela com ignorância quando ela começou a afrouxar as pernas levantando os quadris. Guiando seu pênis para seu núcleo, ela ficou sobre os calcanhares e deslizou para baixo em volta dele e com ele dentro. O movimento descendente enviou ondas em toda a piscina.

- Simmm. - ele assobiou. - Isso é exatamente o que eu quero.

- Deus, vou pensar nisso cada vez que eu montar um cavalo. - prometeu.

Ele riu.

Agora, dobrando as pernas, ele poderia retirar-se dela e, em seguida, empurrar para cima novamente. A água espirrou para cima

sobre o lado para a passagem com o ritmo que ia aumentando, mas ele apagou tudo de sua mente.

Ela apertou seus ombros, as unhas cravando em sua carne.

- Sim, sim. - ela chorava. Lançando a cabeça para trás ela gritou o nome dele quando seu orgasmo a levou. A palavra ecoou pelas paredes de pedra conforme o calor a envolvia.

Caio não queria privá-la de seu pênis no meio dos espasmos que se sentia tão bem para os dois, mas ele puxou seu pênis de dentro dela quando sua semente surgiu.

De pé no fundo da piscina e encostado de lado, ele a reuniu em seus braços e apertou-a até a última gota de sua semente ter ido para a água que fluía por eles.

Beijando-a com fome, ele se perguntava se ele seria capaz de fazer amor com uma mulher em Roma, sem compará-la a Sarah. Quando ele levantou o rosto a centímetros do dela, ela encontrou seu olhar. Ele sabia que ambos estavam procurando por algo que, embora eles pudessem ver, eles nunca poderiam ter a não ser em seus pensamentos.

O beijo que compartilharam era então um beijo suave e carinhoso.

Eles deram muito de si e foram recompensados com o melhor sexo que já tiveram. Ele sabia que ela não percebia o quão bom eles eram juntos, mas ela iria entender quando encontrasse outro homem para se casar, que iria ajudar na fazenda.

O pensamento dela fazendo amor com outro o irritava. Ele atravessou a piscina com ela em seus braços para a sua casa. O fluxo da água entre as pernas limpou qualquer sinal de seu tempo juntos, mas não pôde apagar as memórias que ambos teriam.

Erguendo-a com uma mão em cada axila, ele a sentou na beirada da piscina. Ela gritou e riu com o choque da pedra fria, e saltou a seus pés. Ele rapidamente subiu e pegou a toalha que ela lhe entregou.

Eles se secaram, não deixando passar a possibilidade do prazer de secar um ao outro.

Seus instintos de proteção já tinham começado a blindagem. Ela enrolou a toalha em volta para cobrir sua nudez, e ele a levou de volta para seu quarto. Parou na porta e olhou para a piscina. A água já estava quase calma, sem nenhum sinal do que havia acontecido entre eles. No entanto, ele duvidava que ele jamais pudesse esquecer.

Com o rugido do fogo além da mesa, seu quarto estava quente e menos úmido. Virando as costas um ao outro, já se preparando para a separação permanente, tinham se vestido rapidamente.

Agora, enquanto ela corria para o curral, ela gritava por sua mãe que estava caminhando da casa para o celeiro. Elas correram em direção a outra e se abraçaram.

– Desculpe-me por eu chegar em casa tão tarde, mas caí no bosque de maçã e o centurião romano me resgatou. - Sarah disse, mudando a verdade.

– Eu estava tão preocupada com você.

– Sim, eu não poderia emitir nenhuma palavra. Ele não queria me deixar até... até que ele tivesse certeza que estava tudo bem.

– Bem, você está aqui agora. Eu mantive a sua ceia quente. - Sua mãe disse, a caminho da casa.

– Oh, obrigada, mas eu não estou com fome. Eles me alimentaram bem.

– O que aconteceu com suas roupas? E o seu casaco quente?

Sarah deu de ombros.

– Eles não gostaram da forma como cheiravam. Queimaram tudo e eu estava com medo.

Sua mãe olhou mais de perto, uma vez que entrou na pequena casa. À luz da lareira, ela apontou o tecido de sua túnica e estalou a língua no céu da boca.

– Isso não é robusto o suficiente para segurar qualquer tipo de trabalho, você sabe.

– Sim, eu provavelmente vou usá-los para dormir. - Sarah disse, sorrindo. Então, ela certamente sonharia cada noite com fazer amor no banho romano.

Sua mãe assentiu e se afastou.

– Bem, vá para a cama. Jamie já está dormindo. O trabalho começa cedo amanhã. - disse fungando e enxugando os olhos com o canto do avental.

Sarah deu um passo para o lado dela e colocou a mão em seu braço.

– Mãe, o que foi? O que há de errado?

– Eu... Eu estava tão preocupada. Eu não sabia se você tinha sido ferida, ou... ou se você estava farta de todo o trabalho aqui e tinha fugido.

Sarah colocou os braços ao redor dela e a abraçou.

– Mamãe, eu não vou deixar você. Você vai ver. Vou fazer como você disse. Eu vou encontrar um homem que é bom no trabalho da fazenda e me casar com ele em breve. Ele vai fazer o trabalho para que você possa ficar em sua cadeira e cantar para os seus netos.

Sua mãe riu.

– Ah, netos... um ou dois seria bom.

- Sim, mas agora devemos dormir um pouco. - Sarah beijou a bochecha úmida da sua mãe e subiu para o sótão, onde ela e Jamie dormiam.

Ela estava arrependida, havia feito sua mãe se preocupar pensando que ela poderia ter se machucado, ou pior, estar morta como seu pai. Sarah sabia agora qual a sensação de perder alguém que gostava muito, mas não pela morte. Aceitar que ela nunca mais veria novamente Caio foi a coisa mais difícil que ela já tinha feito.

Ela se deu a ele e ele em troca cuidou dela com gentileza, para não mencionar o quanto ela havia aprendido, pensava ela com um sorriso.

* * * *

Sarah seria a primeira a admitir que se houvesse alguma novidade na aldeia, sua amiga Ellen saberia sobre ela e feliz compartilharia. Mas não era frequente ela caminhar da aldeia para a fazenda para falar com Sarah sobre o que ela tinha ouvido. Mas o fez na manhã seguinte. Seu rosto estava vermelho por caminhar tão rápido e Sarah podia ver que ela estava chateada.

- Como você pôde fazer isso comigo? - Ellen disse sem fôlego quando alcançou Sarah, onde estava alimentando as galinhas.

Sarah jogou mais um punhado de grãos na terra

- Fazer o quê?

Ellen levantou as mãos sobre a cabeça com um gemido dramático e golpeou os lados. Quando ela chegou ao galinheiro, com as mãos em punhos plantadas em seus quadris.

Ela estava além da cerca tecida de ramos e olhou para Sarah.

- O que há de errado? - Sarah perguntou.

- Errado? O que poderia estar errado?

- Algo tem que estar muito errado para trazer-lhe todo o caminho até aqui, Ellen.

- Nada está errado. É você. Como você pôde? Você nem sequer ia me dizer.

- Dizer o quê?

- No nosso último encontro você me disse que não queria um amante romano!

- Eu não...

- Pelo que ouvi Sarah, é exatamente o que você tem agora.

Sarah deixou cair a batinha de seu avental, dispersando o resto de alimento que ela tinha levado para lá. Com os olhos arregalados, ela olhou para a amiga.

- Como você poderia saber disso?

- Eu tenho minhas maneiras de saber as coisas, mas não é esse o ponto. Você tem que me dizer tudo sobre ele. Deus, o centurião e não menos. - Ellen apertou as mãos e olhou para o céu. - Minha amiga é uma escrava de amor do centurião. Por que algo assim não acontece comigo?

- Eu não sou escrava de amor de ninguém. - Sarah insistiu firmemente enquanto fechava o galinheiro e agitava o último grão de casca do avental.

- Não foi isso o que eu ouvi.

- Você ouviu que eu era sua escrava de amor? - Sarah perguntou, segurando o braço da amiga com as mãos frias.

- Bem, ninguém mais te chama assim. A grande novidade é que os últimos romanos estarão saindo em poucos dias. Então me diga. O que aconteceu dentro do quartel?

Sarah levou as mãos ao rosto e balançou a cabeça.

- Ellen, eu realmente não quero falar sobre isso. - Deixando o galinheiro e indo para o portão, ela começou a caminhar em direção ao celeiro.

- Oh, você tem que me contar. - A amiga insistiu, parando-a com um aperto firme em seu braço.

- O que posso dizer? Eu não estou ainda certa sobre o que me aconteceu, e eu só preciso de tempo para pensar nisso.

Ela tentou andar, mas sua amiga repetiu seu gesto exasperado e parou como antes.

- Se eu fosse levada para o quartel e os soldados romanos tivessem ficado comigo, eu te diria tudo. - Ela bateu com as mãos do lado do corpo e abriu os braços. - Deus, porque eu não posso ter a mesma sorte?

Sarah tentou não imaginar Ellen em uma orgia com vários soldados romanos.

Após alguns momentos, ela decidiu que elas realmente tinham maneiras diferentes de pensar sobre os homens. Ela caminhou em direção à pilha de maçãs na sombra do celeiro e começou a embalá-las. Ellen a seguiu, pegando uma e esfregando-a em sua saia antes de dar uma mordida grande nela.

- Então você não vai me dizer mais nada. - Ellen pediu durante a mastigação.

- Não há nada a dizer.

Ellen olhou para ela, mas não disse nada.

- Realmente, o centurião pensou que tinha caído da árvore de propósito para atacá-lo. - Sua amiga engasgou. - Mas eu estava apenas sentada ali na colheita de maçãs. Ele me levou para o quartel e eu expliquei que era um acidente.

- Ah, com certeza. E você veio para casa horas e horas mais tarde, vestida com uma toga romana. Deus, eu queria ter uma dessas. - Ela desfilou em torno de um círculo. - Eu ficaria tão sexy.

Sarah riu.

- Eles apenas me deram algumas roupas que usam seus escravos, e elas não são nada sexy. Olha, Ellen, eu nunca voltarei lá novamente, porque os legionários estão indo para Roma.

- Deus, não é alguma coisa? Eles estão realmente deixando todos em apenas uma semana ou assim. Ouvi do líder da aldeia.

Sarah sorriu.

- Então foi daí que tirou suas notícias.

Ellen deu de ombros.

- Uma moça tem que cuidar de si mesma o melhor que pode, principalmente quando não há mais ninguém para fazê-lo.

- Certo, e se eu não embalar essas maçãs com muita pressa, vou estar em apuros. Você quer me ajudar?

Ellen segurou seu olhar por alguns segundos.

- Não, obrigada. Eu estou indo, mas um dia você vai me dizer mais sobre o que aconteceu ontem e eu sei que há mais. - Ela sorriu. - Eu nunca vi seu cabelo tão limpo e bem amarrado atrás do pescoço com fita ou alguma coisa assim. Aposto que há uma boa e longa história sobre como você ficou tão limpa.

Virou-se para esconder seu sorriso e caminhou em direção à estrada que a levaria de volta à aldeia.

Sarah a viu ir por alguns instantes, contente por não haver mais perguntas. Ela odiava a idéia de que a aldeia estivesse falando sobre ela. Parecia irônico que a notícia que ela temia ouvir, que Caio estava indo embora, fosse a razão que tinha parado suas fofocas sobre ela.

Com um suspiro, ela voltou para suas maçãs. Talvez seu trabalho pudesse manter sua mente longe de Caio e sobre o quanto já sentia saudades dele. Ela caiu nos braços de Caio, mas o seu tempo juntos como amantes foi muito curto e agora tudo acabou.

Com tudo o que tinha de fazer antes de deixar o posto, ela não poderia mesmo esperar vê-lo novamente. Ela soltou um suspiro e arrancou uma maçã do monte.

Na estrada, do outro lado do celeiro, ela podia ouvir uma carroça e vários cavalos se aproximando.

Capítulo Cinco

- Eu estou indo, assim você pode parar de tentar me convencer.
- Caio disse a Lam na madrugada daquela manhã.

- Mas não há nenhuma necessidade de você acompanhar os soldados para pegar os grãos que mandou os cavalos levar até o navio.

- Chega! Chame meu protetor. Saímos de uma vez.

Seu ajudante fez como lhe foi ordenado, mas tinha uma carranca profunda quando saiu do quarto. Caio estava grato por não ter que explicar mais. Lam tinha visto Sarah quando ela deixou o posto na noite anterior, mas Caio não ofereceu nenhuma informação sobre ela ou de onde ela era, ou até mesmo como ela tinha se transformado de um rapaz mal cheiroso em uma mulher. Lam conhecia seu humor calmo e retraído quando não queria ser questionado.

Mas quando eles se aproximaram da fazenda, naquela manhã, Caio sabia que quando visse Sarah, Lam finalmente entenderia. Ela estava trabalhando na sombra ao lado do celeiro, na embalagem das maçãs que ela tinha colhido pela manhã e mergulhando-as em um barril.

- Leve os homens e carregue os grãos. Chame-me e vou acompanhá-los quando você estiver pronto para sair.

Lam olhou para ele um momento e depois o saudou.

Assim que seus homens começaram a carregar o grão em sua carroça, Caio entrou no lado mais escuro do celeiro.

Ele desmontou e colocou seu escudo na sela e tirou o capacete, pendurando-o lá também.

Ele viu que Sarah estava mais uma vez vestida com roupas desgastadas, uma saia escura e um simples avental com uma blusa leve na cintura com um cinto amarrado confortavelmente na frente com cordões de couro. Seus cabelos, ele percebeu para sua satisfação, estava amarrado com a fita que ele lhe dera na noite anterior quando ela deixou o quarto.

- Bom dia - ele disse com um floreio. Ela não olhou para cima, mas ele pensou ver seu rosto mudar de cor. - O quê? Nenhum beijo? Nenhuma doce saudação para o seu amante?

- É isso que você é? - Ela retrucou, ainda olhando para as maçãs. - Eu pensei que você fosse um demônio de duas caras que se aproveitou de mim na noite passada. Então você deixa que todos saibam, juntamente com o fato de que você está deixando o povoado, correndo de mim. - ela disse rapidamente.

- É o que você realmente pensa? Que eu tirei vantagem de você? - Agachou ao lado dela, entregando-lhe as maçãs do saco uma a uma.

Após alguns momentos, ela balançou a cabeça, para seu alívio.

- A única coisa boa sobre a notícia que você está deixando a aldeia é que fez com que os homens esquecessem a notícia de que fui raptada, ontem e de repente apareci novamente horas mais tarde limpa e vestida com roupas romanas.

- Eles descobriram, não é? - Ele perguntou suavemente.

Ela olhou para ele então.

- E só a notícia de que vai deixar a aldeia fez pará-los de me chamar de "Escrava de amor".

Caio teve de lutar para conter a risada.

- Sinto muito.

- Minha mãe e meu irmão estavam frenéticos. Eles perguntaram ao redor do campo sobre mim, e depois essa manhã souberam que eu estava bem. Mas até então todos sabiam o que tinha acontecido.

- Eu deveria ter enviado um mensageiro para dizer onde você estava, mas depois que eu descobri que não era o garoto que eu pensei que você fosse, minha mente estava completamente ocupada com outro assunto.

Ela sorriu, então, para seu alívio. Ela fez uma pausa depois de pegar uma maçã da mão dele e polindo em seu avental.

- Esta manhã foi a primeira e única vez que minha melhor amiga Ellen realmente agiu como se ela tivesse ciúmes de mim. Ela nem sequer acredita no que ouviu de mim, e saiu para ver por si mesma.

Ela olhou para satisfazer seu olhar.

- Você está realmente indo embora?

- Permanentemente. - ele soltou um suspiro profundo e levantou a mão para levá-la para um monte de feno no campo ao lado do celeiro. Eles se sentaram juntos e encostaram-se no feno, ainda de mãos dadas.

- Quando você me deixou na noite passada, um cavaleiro chegou da estrada, era um mensageiro dizendo que nosso barco já está no porto. Temos que partir imediatamente para os nossos trabalhos em Roma. Eu disse ao líder da aldeia que estávamos saindo em uma semana para que não tivéssemos dificuldades. Tenho esperanças de que o nosso retiro possa ser ordenado, sem derramamento de sangue.

Ela puxou a mão e brincou com a saia, mas não disse nada.

Pegando um pedaço de feno, ele preguiçosamente dividiu longitudinalmente pequenas tiras e jogou-as no vento.

- Eu gostaria de poder levá-la comigo. - Ela olhou para ele, mas rapidamente desviou o olhar. - Você adoraria Roma. Você poderia vestir-se com finos tecidos de seda e comer frutas frescas todos os dias. Você sempre teria água quente para tomar banho e escravos para te ajudar.

Quando ela olhou para cima para encontrar o seu olhar neste momento, viu lágrimas em seus olhos. Ele pegou sua mão novamente e segurou-a entre as suas.

- Mas você sabe que eu não posso levá-la. Uma mulher nunca seria permitida em um navio de tropa.

Balançando a cabeça, levantou-se e olhou para o campo. Caio levantou-se e puxou-a em seus braços. E então eles estavam se beijando apaixonadamente, segurando e acariciando um ao outro. Seus últimos momentos juntos terminaram em minutos, quando seu ajudante chamou para dizer que o vagão estava carregado.

Zeus, como ele a queria. Erguendo com uma mão em cada nádega, ele a mexeu de um lado para o outro, esfregando seu pênis endurecido contra seu monte de Vênus.

- Por Zeus, Sarah, como posso deixá-la quando eu te quero tanto?

- Leve-me, Caio. Não para o navio, mas aqui e agora. Meu corpo só quer você.

Seu convite foi tudo que ele precisava. Ele puxou para cima suas saias e apoiou-a contra o monte de feno. Beijou-a duramente enquanto ele liberava seu pênis já duro de sua tanga e apertava seu corpo contra o dela e empurrava seu pênis entre suas pernas.

Grudada nele com os braços em volta de seu pescoço, enrolou as pernas em torno de sua cintura e guiou-o pela última vez. Ela já estava quente e úmida. Tão ansiosa como estava, ela seguiu cada impulso rápido, levando-o profundamente dentro dela.

Sua língua empurrava para a boca dela e encontrou o mesmo ritmo que seu pênis. Seu beijo sufocou o choro quando seu orgasmo a levou. Quando tentou se retirar e lançar sua semente sobre o feno em vez de dentro dela, ela travou as pernas em volta dele e não lhe deu outra opção senão ficar dentro dela.

- Comandante, o vagão está carregado. - Lam gritou a uma distância discreta mais tarde.

Caio jurou sob sua respiração.

- Vá para cima. Eu estarei lá. - ele disse sem mostrar a si mesmo.

Caio retirou seu pênis e ajustou as suas roupas.

A saia de Sarah caiu sobre seus tornozelos novamente e ela apertou o avental amassado com as palmas das mãos.

Com um dedo sob seu queixo, levantou o rosto para um último beijo suave.

- Eu nunca vou te esquecer. - prometeu, vendo-a piscar com lágrimas em seus olhos. - Se algum dia eu voltar à Grã-Bretanha, eu vou te ver. - Ela sorriu, mas ele pôde ver o lábio inferior tremendo.

Com essa fantasia, ele correu para se juntar a seus homens. Mas antes que ele deixasse a fazenda, ele se encontrou com a mãe de Sarah. Com seu cavalo escondendo o que estava fazendo de seus homens, ele pegou a mão dela e cuidadosamente colocou várias moedas na palma de sua mão.

- Mas o homem me pagou pelas mercadorias. - disse ela franzindo o cenho.

- Eu sei, mas eu trouxe estas especialmente para você e sua família. Se você colocar de molho na água, como sementes na primavera, eles vão lhe dar maiores riquezas.

- Centurião! - era Lam chamando.

Caio ajeitou-se na sela e ele e Lam correram pela estrada em direção ao quartel. Eles tinham muito que fazer antes do meio dia, quando os legionários saíssem para marchar para o sul.

O restante dos guardas ficaram com a carroça carregada fazendo o seu caminho para o quartel.

Moedas de molho? São malucos? A mãe de Sara balançou a cabeça com a idéia maluca e entrou na casa para guardar as moedas com as outras.

Sarah ficou no monte de feno para não vê-lo sair. Ela esperou até que já não pudesse ouvir o ranger da carroça ou cascos dos cavalos batendo na estrada de terra seca antes que ela voltasse para as maçãs.

Os soldados tinham ido embora. Ela soltou uma risada irônica. Mas sem as suas provisões semanais agora, tudo estaria perdido. Seria apenas uma questão de tempo. Então, se Caio voltasse, ele nunca seria capaz de encontrá-la. Ela não estaria ali, porque teria perdido a fazenda.

Ela terminou de embalar as maçãs e foi para a casa para trocar de roupa e ir buscar um pouco mais. Sua mãe foi capinar em seu jardim de ervas e cantarolava uma melodia feliz. Como ela poderia estar tão feliz quando a vida estava assim?

Indo para dentro, ela notou a pequena caixa em que sua mãe guardava o dinheiro. Ela sentou-se no final do balcão de madeira onde os vegetais estavam picados para o guisado. Ela deve ter se esquecido de esconder no armário. Ela abriu a caixa.

Olhando em estado de choque, ela despejou o conteúdo escasso em sua mão. Maldição. Caio ou os seus homens pagaram pelas mercadorias com moedas romanas. Agora que os romanos estavam saindo da Grã-Bretanha, as moedas eram todas inúteis. Elas não valiam nada. Oh, não acreditava que possuía algo que não tinha valor comercial, não poderia usar para comprar uma carroça ou um cavalo, ou mesmo uma vaca.

Lágrimas de decepção picaram por trás de seus olhos, mas ela recusou-se a chorar. Ela não ia dar ao bruto Romano ainda a satisfação de uma lágrima caindo. Ela piscou e despejou o punhado de moedas de volta na caixa.

Como pôde Caio fazer isso com eles? Justo quando pensou que estava se apaixonando por ele, ele em troca rouba-lhe. Bem, ele não ia fugir e se dar bem. Ela iria se vingar, ou pelo menos levá-lo a pagar o valor do grão com algo diferente que moedas sem valor.

Determinada, ela dirigiu-se para o sótão. Seu irmão teria que abrir mão de mais um par de roupas, porque ela precisava se disfarçar de rapaz mais uma vez.

Rapidamente, ela pegou as roupas dos ganchos na parede do seu lado do sótão e as vestiu. Lá embaixo, ela levantou o alçapão do porão e retirou uma garrafa de cerveja que sua mãe guardava.

– Você vai beber agora? – Jamie perguntou quando entrou na cozinha atrás dela.

Ela olhou para ele por um instante. Ela olhou para ele, o via tão jovem apesar de sua barba já aparecer. Ainda assim, ela estava se perguntando se podia confiar nele. Decidindo que ele era homem o suficiente para dividir as responsabilidades, ela explicou o que aconteceu.

– Mas eles sempre pagaram em moedas romanas.

Ela soltou um suspiro.

– Mas eles estão indo embora, Jamie. Sem os romanos aqui, suas moedas não vão valer nada menos que tenhamos a intenção de levá-las a Roma para comprar nossos produtos.

– Oh, eu não tinha pensado nisso.

– Bem, eles nos enganaram e eu vou fazer algo sobre isso. A legião marchou para o sul, com muitos cavalos e carroças. É justo que eu vá atrás dele e consiga outra coisa para negociar.

– A mamãe vai se preocupar novamente.

– Desta vez, você sabe onde eu estarei e por isso ela não terá que se preocupar. Estarei de volta o mais rápido possível.

– Se você pegar um cavalo, você estará em casa mais rápido.

Sarah sorriu.

– Eu sei que você gostaria de ter outro cavalo aqui. Vou tentar, mas se isso falhar acho que vou em busca de algo menor, mas valioso, algo que eu possa carregar facilmente.

– Cuidado. O que você está fazendo é perigoso. Eles não vão gostar da idéia de se exigir outro pagamento, você sabe. Eles podem não deixá-la entrar no acampamento.

Ela assentiu com a cabeça.

- Depois de ontem à noite, eles me conhecem. Quase todos. E eu tenho o direito de receber o pagamento do comandante.

Puxando para baixo o gorro do irmão sobre os cabelos que ela tinha torcido e colocado no topo da cabeça, ela pendurou a corda amarrada ao pescoço junto com o hidromel por cima do ombro. Depois de abraçar seu irmão, ela saiu de casa e atravessou o campo para a estrada onde ela correu em direção ao sul.

Apenas quando sentiu uma dor nas costas, ela finalmente conseguiu encontrar um ponto perfeito a uma boa distância ao sul de sua aldeia para observar. Quando ela subiu no alto do velho carvalho, pôde ver claramente o caminho a distância. Os dois tons de marrom em suas roupas que combinam com as folhas secas a escondiam bem. Apoiada no ramo de um galho grande com as costas contra o tronco, ela iria esperar até a Legião Romana passar na estrada abaixo dela. Então ela iria colocar o seu plano em ação.

* * * *

Caio apenas observava como os legionários sem cavalos marchavam mantendo as aparências de um exército conquistador. Mas todos sabiam que a Legião Romana tinha falhado em sua tentativa de subjugar a Grã-Bretanha, apesar de terem gasto cerca de quatrocentos anos tentando. Os ataques dos celtas e saxões enfraqueceram as suas defesas e o chamado para auxiliar Roma terminava com seu reinado. A medida que eles desfilavam pela aldeia em direção ao mar, os aldeões e todas as mulheres saíam para assistir.

Só que eles não eram saudados pelos homens a frente com alegria.

Em vez disso, eles atiravam ovos podres e faziam o seu melhor para esmagar maçãs em seus capacetes. Mantiveram-se em marcha pela a escuridão da noite à luz das tochas, para encontrar um lugar longe da aldeia para acamparem. Um dia a mais e poderiam embarcar no navio, para casa, e longe destes seres primitivos.

Caio e Lam se retiraram depois que montaram a tenda do comandante e lhes trouxeram uma refeição com pão e salsicha. Caio queria se juntar aos outros homens em afogar suas tristezas e

comemorar a ida para casa com qualquer bebida que pudesse ter em suas mãos.

Caio estendeu-se sobre o seu catre e olhou para as estrelas através da aba aberta da tenda. Sarah estava olhando para as mesmas estrelas? Desgostoso por pensar em uma mulher quando ele tinha o peso da responsabilidade de toda uma legião em seus ombros, ele fechou a aba e tentou dormir. Ainda assombrado pela visão de seu cabelo ruivo flutuando em seu peito, quando ele a ergueu na piscina de banho, ele lamentava ter que deixá-la ainda mais.

Finalmente, cansado como estava pelo dia longo e estressante, ele adormeceu.

* * * *

Sarah apertou o cinto de couro em torno de sua cintura. A calça de seu irmão que ela usava estava em perigo de cair.

Desde que saiu da fazenda, tudo o que ela tinha comido tinha sido um pedaço de pão e queijo que ela pegou na cozinha antes de sua mãe encontrá-la. Ela encontrou água ao longo do caminho, e era grata pelos poços da aldeia ficar perto da estrada, para que ela não perdesse tempo em obter uma bebida. Depois que os soldados voltaram a marchar ao redor da aldeia, em vez de por meio delas por causa da violência com que os confrontavam, haviam seguido pelo caminho mais curto e direto, e muitas vezes tinham que esperar do outro lado parar passarem.

Aproveitar essas oportunidades de descanso era uma benção.

Ela não tinha pensado em levar algum dinheiro com ela. As moedas romanas que Caio deu a sua mãe poderia ter comprado uma torta de carne. Sua fome só estimulou-a. Mais do que comida, queria acertar contas com o bonito ladrão que roubou o seu coração e os seus grãos.

Consternada pelo tempo de marcha deles naquele dia, ela seguiu-os até muito depois do sol se pôr. Ouvindo um barulho na frente, ela correu para fora da estrada e seguiu em paralelo através das árvores. Enquanto caminhava mais perto, ela esperava ver os aldeões atacarem os soldados, como haviam feito em cada oportunidade. Mas em vez disso, ela descobriu que os soldados finalmente tinham montando acampamento.

Ficou tão perto quanto pôde e decidiu subir em uma árvore para localizar a tenda do centurião com a sua identificação de bandeira vermelha voando.

- Alto lá! Identifique-se. - uma voz rouca, disse.

Assustada, Sarah gelou. Não convencida de que ela tinha sido descoberta, ela esperou o sentinela dar o próximo passo.

- Você aí, rapaz. O que você quer? Você não jogou maçãs suficientes em nós por um dia?

Puxando para baixo o seu gorro mais para esconder sua testa e suas bochechas, ela lentamente virou-se e encarou o guarda. Quando ela se virou outro tinha se juntado ao primeiro e, até mesmo no escuro, apenas com as chamas das fogueiras por trás ela sabia que a grande silhueta de músculos só poderia pertencer a um homem.

- Qual é o problema? - Ouviu Lam perguntar.

- Peguei esse menino observando o acampamento. Provavelmente tem um saco de ovos podres para atirar nas barracas.

- Eu não. - Sarah insistiu. - Diga-lhe que ele está errado, Lam.

- Você conhece este rapaz, senhor? - Perguntou o guarda.

Lam caminhou em direção a Sarah e se aproximou, olhando para ela.

- Sim, infelizmente por uma questão do acaso, eu conheço. E eu não poderia ser mais lamentável. O comandante não tem sido o mesmo desde que ele a conheceu.

- Ela, Senhor? - O guarda perguntou intrigado com a referência por pensar que era um rapaz.

- O que quer dizer, não é o mesmo? - Sarah queria saber.

Lam ignorou todas as perguntas.

- O que você tem aí?

- Hidromel. Pensei em vendê-lo a um soldado sedento. - Sarah disse, segurando-a.

Lam pegou e abriu a garganta para cheirá-lo.

- E é com veneno, sem dúvida.

- Como você pode dizer tal coisa? Minha família tem servido bem a sua legião a mais tempo que eu estive viva.

- Se você não acha que está envenenado, eu vou comprá-lo, senhor. - O guarda pegou avidamente.

Lam pegou o pacote fechado e jogou-o para o soldado.

- Pague-a. - Disse ele olhando para Sarah. - Se ele morrer, eu vou pessoalmente tirar sua linda cabeça fora.

O guarda puxou algumas moedas e entregou a ela quando ela engoliu em seco e esfregou o pescoço com o pensamento de Lam e suas mãos sobre ela. Olhando para as moedas, ela disse:

- Estas são moedas romanas. Eles não têm valor, agora que vocês estão saindo.

O sentinela deu de ombros.

- É tudo que eu tenho.

- Ela vai aceitá-las. - Lam disse. - Você não vai, *menino*?

- O que eu faço com o menino agora, senhor?

- Nada. Eu vou cuidar dele. - disse enfatizando a palavra ele, que ele sabia muito bem, que não era correta.

Ele pegou no braço de Sarah e levou-a sem cerimônia para a tenda do centurião. Ele levantou a tampa e eles pudessem ver que Caio estava dormindo. Ele começou a levá-la de volta quando ela cravou seus saltos para detê-lo.

- Espere um minuto. - ela sussurrou. - Eu preciso conversar com Caio. Eu vou ficar quieta e esperar até que ele acorde.

Lam parou e olhou para ela.

- E deixar você cortar sua garganta?

- Eu não tenho armas e não tenho intenções de fazer-lhe mal. Assim como não lhe fiz mal quando ele me manteve com ele até ontem tão tarde, ou quando ele me visitou, esta manhã. - Pensando rapidamente, ela sorriu. - Eu... Eu só vim até aqui para... para vê-lo mais uma vez antes de ele ir. Por favor, não me negue isso. - Ela disse em uma voz que ela esperava que soasse sexy.

Após segurar seu olhar durante alguns segundos, Lam pegou seus dois braços e levantou-a do chão até estarem nariz com nariz:

- Eu vou deixar você ir lá, mas saiba que sirvo o comandante há seis anos e o admiro muito como todos os seus homens. Se você fizer alguma coisa, eu vou matar você e não vai ser rápido. - Ele a colocou de volta no chão, mas não deixou livre seu braço. - Eu não sei por que ele iria querer uma moça magra como você, mas ele a quer. Você apenas se certifique de que ele tenha uma boa noite de sono. Ele está esgotado.

- Sim, sim, senhor. Eu vou.

Ele a libertou então e embora ela se virasse de costas para Lam, ela sabia que ele estava olhando para ela. Sem hesitar, ela levantou a tampa e entrou. Depois de um momento, ela ouviu Lam se afastar.

Soltando algumas respirações profundas, Sarah tentou relaxar e baixar seu batimento cardíaco rapidamente. Agachando-se perto de Caio, ela o viu dormir por um minuto ou dois. Um braço dobrado sobre sua cabeça, ele estava roncando levemente. Embora desejando que pudesse continuar olhando para ele, ela tinha que encontrar sua bolsa a qual tinha certeza que estaria cheio de ouro, e sairia novamente antes que ele acordasse.

Olhando ao redor, viu um uniforme limpo sobre um tronco, pronto para ser colocado pela manhã. Ela na ponta dos pés foi para o tronco.

O cinto estava com o capacete. Ela passou os dedos em volta dela e não encontrou qualquer bolso ou espessura que pudesse esconder o ouro que procurava. Onde é que ele tinha guardado?

Um olhar para o tronco lhe disse que se a bolsa estivesse lá, ela nunca iria colocar com as mãos sobre ela. Um bloqueio grande pendurado na frente, garantia a segurança do conteúdo. Não havia mobília na tenda temporária. Onde mais ela poderia procurar?

Quando Caio parou de roncar e rolou para o lado, ela prendeu a respiração. Pensando que ele estava acordando, ela congelou até sua respiração estabilizar e começar um ronco rítmico macio novamente.

Por que não havia pensado nisso? O travesseiro debaixo da cabeça.

Claro que sim. Sua bolsa de moeda tinha que estar debaixo do travesseiro. Ela na ponta dos pés deu um pequeno passo de cada vez até que ficou a centímetros da cabeceira da cama. Ela agachou-se e parou mais uma vez para ter certeza de que ele não se mexeu. Ela abriu a boca para respirar, porque a respiração pelo nariz e seu batimento cardíaco rápido rugindo em sua cabeça como estava ela tinha certeza de que ele acordaria com o barulho.

Deslizando sua mão sob o lado mais próximo do travesseiro, ela moveu muito lentamente a partir do topo ao fundo. Ao lado de sua cabeça, ela sentiu algo. Puxou-o lentamente, para não acordá-lo, e parecia demorar horas. Era uma faca afiada com gemas fixadas no punho. Isso ficaria muito bem como pagamento parcial das mercadorias, mas ela ainda queria o dinheiro.

Colocando a faca ao lado do travesseiro onde ela poderia pegá-la facilmente, antes de partir, ela avançou a mão para trás sob ela. Desta vez, ela mudou de posição indo para perto de seu queixo. Ela teve de se inclinar em direção a ele para chegar tão longe.

De repente, ele acordou.

Capítulo Seis

Quando Sara viu seus olhos escuros muito abertos e olhando para ela, o tempo parou.

Em um movimento suave Caio agarrou seus ombros e a virou para o outro lado do estrado onde ela caiu no chão com ele. Seu braço pressionado contra a sua traquéia e cortando o seu suprimento de ar.

- Guardas! - chamou em voz alta.

- Shhh! - Sarah conseguiu dizer, empurrando tão duro quanto pôde para levantar o braço que cortava seu ar. - Você quer que todos os seus homens saibam que eu estou aqui com você?

Levantando o braço de sua garganta e retirando o gorro de sua cabeça, ele disse.

- Sarah! - Ele beijou-a e a puxou para cima dele. Segurando sua cabeça firmemente entre as mãos, ele a beijou novamente e novamente. Ele beijou seu rosto, seus olhos, a testa. - Eu não posso acreditar que você veio.

- Mmmm, eu também. - Ela murmurou entre beijos.

- Por Zeus, eu não machuquei o seu pescoço, machuquei? Eu estava pronto para agarrá-la. Eu não tinha idéia de quem você era.

- Não, está tudo bem. - Ela disse com voz rouca, mas acreditava que sua traquéia estava ferida e tinha sido quase destruída.

- Temos apenas algumas horas da noite, mas vamos tirar o melhor dela.

Ele a beijou novamente, desta vez deu beijos pelo pescoço. Como sua camisa estava em seu caminho, ele a puxou junto com seu casaco e jogou-os de lado. Acariciando cada seio desnudo, ele tomou um na boca e chupou quando ela se inclinou em suas mãos.

Ela não podia detê-lo. O que ela diria? *Eu não vim aqui para fazer amor, eu vim por seu ouro. Seria isso mesmo?*

O desejo brilhou em seu interior e fluiu através dela, e então ela não quis detê-lo. Ela se inclinou para o lado, para entregar o outro seio na sua boca.

- Oh, sim. Isso é tão bom.

Impaciente por mais, desamarrou a cinta de couro de sua calça. Ficaram tão largas que ele poderia facilmente colocar ambas as mãos para dentro e segurar suas nádegas. Apertou a barriga contra o seu pênis endurecido e a beijou profundamente.

Esquecendo tudo sobre o porquê dela vir encontrá-lo, sentiu seus sucos escorrendo entre suas pernas. Ela queria algo diferente do ouro dele e queria-o agora. Ela empurrou a mão entre eles e puxou o cobertor que cobria seu corpo nu. Levantando-se até ficar com os

joelhos ao lado de seus quadris, ela puxou o cobertor para fora de seu caminho. Sua ereção saltou para cima e ela sentou-se sobre os calcanhares e acariciou-a com ambas as mãos.

Ele soltou uma respiração entre os dentes. Lutando pelo controle, ele empurrou a calça para baixo, mas ela não podia ir muito longe com os joelhos no chão. Embora relutante, ela saltou a seus pés e começou a desatar um dos seus sapatos de couro macio-romano. Agarrou e levantou a perna para que ela pudesse puxar o sapato. A perna da calça caiu no chão.

Quando ele fez o mesmo para libertá-la da outra perna, ela se agachou sobre ele, segurando seu pênis novamente.

- Não, eu não posso esperar.

Com a calça emaranhada em torno de sua outra perna, ela guiou o pênis entre suas dobras.

- Oh, sim.

- Zeus, você é tão quente. - Ele chegou a encontrar o clitóris e sorriu quando sentiu que já estava endurecendo.

Ela balançou os quadris em um pequeno círculo, provocando a ponta do seu pênis quando ela girou sobre a sua base, mas ela não deixou entrar nela ainda. Seu controle estava no limite, ele rosnou. Agarrando seus quadris, ele a puxou para baixo quando empurrou profundamente dentro dela. Ela gritou de prazer e quando ele tentou parar, pensando em sua dor, ela ergueu os quadris para cima e caiu duro, em cima dele novamente.

Não houve como pará-los em seguida. Ela desceu mais uma vez para capturá-lo. Ela sentiu o calor subindo dentro dela e prendeu a respiração. Quando os seus orgasmos vieram, pressionado ainda mais forte um contra o outro os últimos espasmos sacudiu-os. Ele não fez nenhum movimento para deixá-la e lançar sua semente na terra.

Saciado e esgotado, Caio caiu para trás contra a cama. Ele a puxou para baixo ao lado dele e se deitou com os olhos fechados, respirando com dificuldade. Segurando seu cabelo longe de sua face, Sarah levantou-se em seu cotovelo e beijou-o suavemente, tomando cuidado para se deitar longe o suficiente para que eles não se tocassem.

Nenhum dos dois falou. Não havia nada que poderiam dizer que fosse alterar a realidade de sua situação desesperadora. Eles tinham mais uma noite de amor com o outro. O tempo juntos era um presente a ser estimado e apreciado.

Sarah tinha agarrado seu travesseiro enquanto eles faziam amor.

Agora, ela percebeu que o objeto duro que sentia sob si poderia que ser sua bolsa de moedas. Esperou alguns minutos e viu que Caio

não tinha se mexido e ela concluiu que ele estava dormindo. Apoiando-se em um cotovelo, ela hesitou apenas um momento e deslizou a bolsa para fora.

Segurando o fundo para manter as moedas em silêncio, ela colocou o saco ao lado da bonita faca.

Quando o ar da noite penetrou sobre seu corpo úmido de suor, ela sentiu-se gelada. Ela levantou-se lentamente para não acordá-lo, e puxou a calça por cima da perna nua. Pensando que o frio pudesse acordá-lo, ela puxou o cobertor até o pescoço e depois terminou de se vestir em silêncio.

O laço trançado tinha caído de seus cabelos quando eles fizeram amor, e ela não conseguia encontrá-lo na tenda escura. A única luz que ela conseguia ver era a luz da fogueira de vinha de fora. Poderia dar o laço do cabelo como perdido, e assim ela torceu o cabelo e puxou o gorro para baixo por cima deles para segurá-los no local. Pronto para sair, ela pegou a bolsa de moeda e a faca. Ela segurou com força o saco de moedas e a faca dentro para que ela não fosse ferida se caísse. Em seguida, mergulhou-os entre seus seios e escondeu a bolsa e a faca em sua camisa, onde o cinto amarrado firmemente os impediria de cair no chão.

Olhando para trás, viu que seu amante ainda dormia, ela sentiu as lágrimas retornando enfadonhas para queimar em seus olhos. Ela piscou e cruzou para a aba fechada. Lá, ela não pôde resistir e se virou para um último olhar.

Eu te amo, disse mexendo a boca em silêncio.

E então ela virou-se e deslizou para fora da tenda, fechando-a silenciosamente atrás de si. Cortando as linhas das tendas, ela foi para o mato à beira da estrada, sem ser interrompida. Mas chegando lá, ela pensou que sua sorte tinha acabado.

- Alto lá! Quem vai aí? - O guarda que a tinha visto antes gritou.

- Sou eu. - Ela sussurrou em voz alta. - Shhhh!

Ele perguntou em um sussurro alto como o dela, e depois deu uma risadinha. Era óbvio que ele não tinha partilhado o hidromel que tinha comprado dela com ninguém.

- Sou eu, o menino com a garrafa de hidromel.

- Oh, sim, você tem mais alguma? Esta sua quase desapareceu. - Ele disse.

- É para onde eu estou indo agora. O comandante mandou-me buscar uma para ele. Você quer que eu traga um pouco mais para você, também?

- Sim, isso seria ótimo.

- Então você espera aqui. - Disse ela. - Estarei de volta cerca de uma hora.

– Uma hora? Eu não estarei de plantão aqui, então.

– Oh, não se preocupe. O comandante vai me dizer onde encontrá-lo. E eu vou me apressar.

– Sim, você deve se apressar. Vá. Vá depressa.

Sarah não esperou mais um segundo. Sua mão sobre a bolsa e a faca para mantê-los quietos, ela começou a correr pela estrada. Correu tão rápido como pôde. Mais tarde, uma dor no lado roubou sua respiração e quase a derrubou, mas não parou. Preocupada que alguém pudesse ir atrás dela, ela caminhou até que a dor diminuiu e, em seguida começou a correr novamente.

Andando e correndo todo o resto da noite, ela finalmente sentiu-se confiante de que os romanos não iriam atrás dela. Quando os primeiros raios de luz iluminaram o céu do leste, ela viu um campo com vários montes de feno. Ela correu para o mais próximo ao bosque ao lado do campo, e cavou no lado oposto da estrada. Certificando-se que o feno a cobria completamente, ela finalmente se permitiu dormir por algumas horas.

* * * *

Caio não sabia o que havia despertado. Ele estava perfeitamente calmo e imóvel, mas não ouvi nenhum som incomum.

Não havia luz e as fogueiras eram quase cinzas.

Ele relaxou e apoiou a cabeça sobre as duas mãos. Ele tinha tido um sonho onde estava fazendo amor com Sarah que tinha furtivamente entrado em sua tenda para estar com ele. Por Zeus, ele quase sentiu como se ela estivesse realmente estado lá com ele.

Segurou uma respiração profunda, ele quase podia sentir o cheiro da lavanda dela. Sentou-se e puxou a respiração novamente. Ele *podia sentir* o cheiro de lavanda. Não era um sonho.

Mas tinha de ser.

Ele levantou-se e acendeu a vela. Olhando ao redor, não viu nada para provar ou negar que ela estivesse ali. Atravessou a barraca e olhou para fora. Ninguém estava se mexendo ainda.

Caminhando de volta para seu estrado, ele viu a fita trançada que ele tinha dado a Sarah para prender os cabelos.

Ela tinha estado lá. Eles fizeram amor e ela havia deixado para trás a fita. Ele sorriu e deitou-se sobre a cama novamente.

Ela deve ter vindo de tão longe apenas para agradecer-lhe pelo ouro que deixou com a mãe. A essas horas eles deveriam ter lavado o revestimento cinza pintado sobre as moedas para disfarçá-las.

Eles não teriam problemas para manter a fazenda agora, e ele se sentia bem com isso. Ele se preocupava profundamente com Sarah

e queria ter a certeza do seu bem-estar. Ele queria que ela fosse feliz com alguém que não fosse seus antigos amantes.

Bem, não, ele não queria. Sentou-se e arrumou o cobertor em torno de seu corpo nu para dar calor. Não, ele não queria que ela estivesse com outro homem, mas ele não tinha escolha. Ele estava indo para casa em Roma, para nunca mais vê-la novamente, e ela era muito linda para não se casar.

Ele rolou de lado e socou o travesseiro. Zeus, ele tinha que ser mais cuidadoso. Ele não queria se cortar com a faca que ele mantinha sob o travesseiro. Fechou os olhos e tentou dormir, mas algo continuava incomodando-o.

Alguns minutos depois, seus olhos estalaram abertos, porque ele finalmente percebeu o que estava mantendo-o acordado. Sentou-se e virou o travesseiro. Ele colocou as mãos sobre ele para pegar a faca, mas congelou.

- Por favor, não pode ser. - Ele sussurrou.

Mas quando ele levantou o travesseiro, a faca tinha ido embora. Tinha sido um presente do imperador quando ele nomeou-o centurião e atribuiu-lhe o posto de comando da ilha. E a bolsa de moeda tinha sumido, também.

Não havia dúvida de onde elas estavam. Por Zeus, que ele iria atrás dela colocaria sobre o seu joelho novamente.

Ele levou suas mãos ao rosto. Voltar estava fora de questão. Eles tinham que estar a bordo de um navio e o porto ainda era uma marcha de meio dia de viagem.

Rolando de lado, ele fechou os olhos e concentrou-se em dormir. No entanto, as visões de uma linda mulher de cabelos vermelhos o mantiveram acordado até quase o amanhecer.

* * * *

- Formar guarda. - Caio ordenou. - Vou andar na frente para ter certeza de que tudo está pronto.

- Sim, senhor. - Lam disse, já virando seu cavalo para seguir as ordens.

Um grupo de doze soldados e Lam, acompanhavam Caio sobre as colinas em direção ao mar enquanto o restante da Legião seguia as poucas milhas em um ritmo mais lento com todas as disposições e equipamentos.

No topo da última colina, Caio levantou o braço e puxou as rédeas para que os guardas parassem. O litoral, com o azul profundo do mar se estendia diante deles. Eles viram as velas dos barcos de pesca pequenos que pontilhavam o azul e branco quando os pescadores iam em direção ao cais com o romper do dia.

Ele procurou as ondas novamente. Mas nenhum navio grande o suficiente para navegar todo o caminho de volta a Roma estava a qualquer lugar à vista. E quando olhou para o cais, não viu nada, nada parecido com os escaleres do navio enviado de Roma para pegá-los. Os homens olharam para Caio pedindo uma explicação.

- Zeus. - Ele jurou. Não tendo nada a acrescentar, ele cravou em seus calcanhares nos flancos do cavalo e galopou até o morro com os outros logo atrás. As ruas de pedra da aldeia ao longo da costa ecoaram com o barulho que seus cavalos resistentes que corriam.

Homens, mulheres e crianças espantados saíram de seu caminho.

No cais alguns homens carregavam caixas empilhadas em vagões. Caio foi até eles e desceu da sela.

- O navio romano. Onde ele está? Recebi uma mensagem de que um navio estava aqui e pronto para o transporte de minha legião de homens de volta a Roma.

- Ele não está aqui. - um dos trabalhadores portuários disse.

- Eu posso ver que não está aqui, seu idiota. Onde ele está?

O homem deu de ombros.

- Deve estar a uma boa parte do caminho de volta para Roma. Ele saiu na manhã de ontem.

Caio perdeu toda a paciência que ele poderia ter tido. Ele agarrou o homem pela frente da camisa e levantou-lhe sob os pés, até que ficaram olho no olho.

- Por que o navio não esperou por nós?

- Eu não sei. - Disse o homem assustado. - Mas um monte de soldados veio e começou a enchê-lo.

- Ele só deixou a nós?

- Bem, eles não poderiam colocar mais ninguém a bordo, mesmo se quisesse. Eles só tinham um navio e um lote inteiro de soldados apareceu para navegar nele.

Caio abandonou o homem no chão, mas não soltou sua camisa.

- E eles disseram quando o próximo navio chegará?

O homem sacudiu a cabeça.

- Não. Nenhum navio está chegando. O capitão disse que o seu foi o último a chegar.

- O quê? - Caio gritou. Desgostoso, ele empurrou o homem para o cais. Ele se arrastou alguns metros de distância para trás em suas mãos e pés, mantendo seus olhos no do centurião.

- Você não tem motivo para machucá-lo, Romano. Ele está dizendo o que o capitão disse. - Disse outro trabalhador. - Nós todos ouvimos. - Ele olhou para o outro e todos eles concordaram. - Fizemos o que nosso líder disse. Você pode ir perguntar-lhe se não acredita em nós.

- O capitão disse que não haveria mais navios? - Caio perguntou incapaz de acreditar no que estava ouvindo.

Todos os quatro trabalhadores acenaram com a cabeça.

- O que faremos Comandante? - Lam perguntou.

- Você poderia fazer o mesmo que os outros soldados que foram deixado aqui. - O terceiro trabalhador ousou dizer

- Outros Romanos foram deixados para trás? - Caio perguntou.

O trio irregular assentiu.

- O capitão sabia que ele não tinha espaço para todos que vieram assim resolveu que os que tinham mulheres aqui chorando por eles ficariam.

- Sim. Ele disse-lhes que eles poderiam muito bem ficar com suas famílias. - O primeiro homem disse. - Eu nunca pensei que ele fosse fazer isso, mas ele fez.

- E o resto? - Caio perguntou.

- Outros disseram que iriam encontrar seu próprio caminho para Roma, o melhor que pudessem. Ele disse que, se Roma não fosse destruída até o momento em que eles chegassem lá, eles seriam recompensados por sua lealdade.

- Se você me perguntar, ele não soava como se houvesse muito de Roma do momento em que saiu de lá. - O terceiro acrescentou. Os outros concordaram com a cabeça.

- Então, a nossa estadia na Grã-Bretanha como legionários está terminada e parece que Roma não é suscetível de sobreviver. - Lam concluiu. - Eu não posso acreditar que poderia ser destruída.

Caio fez mais algumas perguntas sobre os barcos que poderia levar os homens e seus bens ao longo da faixa do mar que os separava da Gália. A resposta sobre alguns barcos pequenos que fizeram o cruzamento o deixou com uma profunda carranca no rosto. Ele não disse nada e apenas ficou olhando para o mar por alguns instantes.

- O que fazemos agora? - Um dos soldados perguntou corajosamente.

Surpreso com a pergunta do soldado, Caio virou-se e montou seu cavalo. Ele se dirigiu diretamente para o líder da aldeia e confirmou o que todos os trabalhadores portuários lhe tinham dito.

Sem responder, ele impulsionou sua montaria e cortou a aldeia em um ritmo um pouco mais civilizado do que quando chegou e uma vez fora da área habitada, ele galopou forte. Quando viu os soldados vindos em sua direção, ele ordenou que os homens ficassem em torno dele para que todos pudessem ouvir o que ele tinha a dizer.

Caio olhou para os homens em seus uniformes manchados de legumes jogados neles. Ele sentiu seu coração bater forte e a cabeça doendo com cada batida. Por seis anos ele se dedicou a proteger a

área contra invasões do norte e melhorar as condições em que viviam os seus homens, e ao fazê-lo, ofereceu muitas melhorias para o modo de vida das pessoas nas aldeias que viviam perto de seus quartéis. E o que receberam? Seus homens foram alvos de legumes podres durante toda a marcha para o sul.

Ele suspirou e sabia que não poderia culpar os aldeões.

Estrangeiros ocuparam sua terra e lhe deram ordens. De repente, com pouca comunicação, a ocupação acabou e eles foram deixados à própria sorte.

Enquanto os homens se reuniam em linhas, ele perguntou quantos deles fariam a volta para Roma, se ele lhes ordenasse para fazê-lo. Pelo menos dois exércitos inimigos estavam entre eles antes de chegar a esse destino. Muitos dos soldados em serviço nunca estiveram em Roma. Será que a defenderiam agora? Haveria mesmo uma Roma após os Godos terem queimado o seu caminho através do campo como o mensageiro tinha-lhe dito?

Caio não ia a Roma há quase sete anos e muitos não tinham ido a mais anos. Ele não tinha deixado família lá e ele tinha sido incapaz de manter contato com seus antigos amigos a não ser Lam. Tendo Lam como seu ajudante significava que eles podiam ficar juntos, e por isso ele estava agradecido. Lam era um bom amigo, bem como um excelente ajudante.

E o que ele e Lam fariam agora? Será que eles voltariam juntos para Roma? Será que abririam seu caminho através da planície e montanha? Ou eles já tinham lutado bastante?

Talvez fosse hora de lutar pela paz.

- Centurião, os homens estão todos reunidos. - Lam relatou com uma saudação.

- Obrigado, meu amigo. - Caio sorriu com a expressão chocada de Lam ao ser chamado de amigo na frente de seus homens.

De pé na sela, Caio se dirigiu a seus homens, um dos últimos momentos como centurião. Ele explicou a situação e o fato de não ter um barco esperando por eles e que nenhum barco viria buscá-los também.

- O comandante do navio passado trouxe a ordem do Imperador para desmantelar a legião aqui na Grã-Bretanha com um agradecimento a todos e a cada um de vocês pelo seu serviço e pela sua fidelidade. Estou orgulhoso de ter sido seu centurião. Mas agora cada um deve decidir por si mesmo o que fazer a seguir. Eu não vou dizer o que vocês devem fazer. - Os comentários chocados dos soldados se ergueram por alguns minutos. Ele fez uma pausa e esperou pacientemente por sua atenção.

- Vários de vocês têm famílias em Roma e eu sei que vocês querem chegar em casa para encontrá-los. Vocês podem começar sua

viagem por barco, indo por toda a Gália e, em seguida, marchar para o sudoeste do mar. Vocês devem ficar juntos, pois a estrada para Roma está cheia de inimigos.

Ele teve que esperar novamente por um silêncio.

- Eu sei que muitos outros de vocês se casaram com famílias locais. Se isso significa que vocês ficariam felizes em permanecer aqui, então vá em frente e fiquem com a minha boa vontade.

O volume das conversas individuais entre os soldados foi subindo e descendo como as ondas no mar vazio atrás dele. Quando Caio tinha conseguido novamente o silêncio, ele ordenou para dar a cada soldado uma ração de comida que eles carregavam. A cada homem também foi dado o salário que ele teria sido entregue a bordo do navio antes que aterraram perto de Roma. Foi o melhor que pôde fazer se ele desejava que pudesse fazer mais.

Ele saudou seus homens a caminho da estrada. Caio queria ajudar com uma distribuição equitativa dos alimentos. Talvez depois disso, ele decidiria o que fazer.

Mas quando todos os bens foram distribuíam e sobrava só um dos vagões e os homens tinham sido pagos, Caio percebeu que ele sempre soube o que tinha que fazer. Quando chegou a sua vez de receber seu pagamento, ele sorriu.

Sim, ele sabia exatamente o que ele ia fazer a seguir.

- Para onde iremos? - Lam perguntou quando parou ao lado de Caio e viu o último dos soldados de Roma ir em direção ao cais. Os outros que ficariam na Grã-Bretanha começaram a caminhar para o norte.

- O que você quer fazer, Lam? Você me serviu em seis anos e o fez muito bem. Eu não vou dizer o que você fazer agora. Eu não sou seu comandante mais, apenas seu amigo.

Lam olhou para Caio.

- Então se não tiver outros planos, vou ficar com você.

- Você não quer voltar a Roma?

Lam sacudiu a cabeça.

- Não tenho laços em Roma, acho que não existe mais nada, e eu não acho que eu gostaria de fazer a viagem. Mas vou guardar suas costas.

- Não. - Caio disse, pensativo. - Eu não tenho nada para voltar.

- Ele olhou a estrada para o norte.

- Este país não é tão ruim quando você se acostuma com a chuva e a umidade fria. - Lam disse e Caio riu.

- Os invernos seriam mais fáceis se eu não tivesse pernas nuas, quando a neve e o frio soprar.

Sorrindo, Lam perguntou.

- Eu suponho que poderia me acostumar a usar calça. Então o que você tem em mente para fazer?

- Bem meu amigo me sinto tentado a colocar minha mão em uma fazenda. Como isso soa para você?

Lam encolheu os ombros.

- Eu acho que trabalhar ao ar livre no sol seria bom. - Ele franziu as sobrancelhas de repente. - Ah, esqueci. O sol raramente brilha aqui.

- Não é assim tão mau e toda essa chuva e clima temperado fazem as coisas crescerem. - Caio colocou o braço em volta dos ombros de seu amigo e eles riram enquanto caminhavam para os seus cavalos.

- O que você sabe sobre dirigir carroças?

Lam riu.

- Eu sei o suficiente. - Disse ele, amarrando seu cavalo na parte de trás da carroça que Caio tinha reclamado com o último privilégio de sua posição elevada. E manter um presente para si mesmo era um bom raciocínio. Bateu a caixa que ainda mantinha uma boa quantidade de grãos. - Se eu tivesse que adivinhar, eu diria que nós estamos voltando para onde começamos.

- E você estaria certo. Eu quero ter certeza que temos boas sementes para a próxima primavera. - Caio respondeu, sentindo-se seguro de si.

- Nós?

- Espero que sim, mas eu tenho contas a acertar primeiro. Venha. Vamos acompanhar os outros.

Ele olhou para o norte, até a estrada para onde os soldados que estavam a pé ou de carona voltavam para suas famílias. Muitos já haviam tirado seus uniformes e puxado camisas e calças que deviam ter guardado em suas bagagens. Caio não queria pensar no que aquilo significava. Já não era sua preocupação.

Não tendo outras roupas para usarem ele e Lam, pelo menos, esconderam seus capacetes e escudos no grão. Caio enterrou sua capa vermelha e puxou uma deixada para trás por um legionário de baixa patente. Estavam manchadas de vegetais de cor escura, mas o manteria aquecido. Quando eles estavam prontos, ele montou seu cavalo, enquanto a montaria Lam era amarrada na parte de trás da carroça e este subia no banco do motorista. Caio esfregou as mãos nas coxas enquanto esperava. Suas palmas coçaram de vontade encontrar dois montes redondos macios na parte traseira da mulher que estava indo encontrar.

Capítulo Sete

Sarah estava exausta pelo tempo que gastou para fazer seu caminho de volta para a fazenda. Ela viu as luzes da casa da fazenda e caminhou enquanto sua mãe e irmão estavam comendo o ensopado usual no jantar. Sua mãe deixou cair uma colher de madeira e saltou a seus pés para abraçá-la.

- Eu estava tão preocupada com você de novo, especialmente quando Jamie me disse onde você estava. Está tudo bem, garota? Você poderia ter sido morta.

Sarah sorriu e quase entrou em colapso no banco vazio à mesa.

- Eu estou bem, mas estou terrivelmente faminta e sedenta. - Ela tirou o casaco velho de Jamie, que ela tinha usado e o deixou cair atrás no banco.

- Bem, nós podemos corrigir isso. - Jamie buscou um copo de água fresca a fria.

- Obrigada, mamãe.

- Aqui está um ensopado bem quente para aquecê-la. - Ela acrescentou, entregando-lhe uma tigela com a mistura.

- Este gosto está maravilhoso. - Sarah disse. - Eu estava morrendo de fome. - Depois que ela terminou a tigela e metade de outra, ela recostou-se e bebeu o último gole de sua água.

- Valeu a pena esgotar-se?

- Acho que sim. - Disse Sarah. - Olha o que eu tenho para nós.

Ela puxou a frente da camisa e tirou da bolsa de Caio e a faca de jóias em sua bainha de pequeno porte.

Ela colocou a faca em cima da mesa e despejou a bolsa, as moedas de ouro caíram em uma pilha ao lado.

- Eu sabia que o centurião teria ouro em sua bolsa.

Sua mãe e Jamie saltaram para cima ao ver o que tinha.

- O que é isso? - Jamie pegou a faca e olhou atentamente para a vedação na base. - Oh, Deus, este é o símbolo do imperador romano. Onde você conseguiu isso?

- Vamos apenas dizer que Caio finalmente pagou pelos grãos que pegou da fazenda no dia em que partiu para o navio levando-os para Roma.

- Ah, Sarah. - Sua mãe disse em uma voz quase inaudível. Ela sentou-se na cadeira na mesa e cobriu o rosto com as mãos. - O que você fez?

- Tentei pegar o dinheiro que ele lhe devia, mas isso é tudo o que consegui. - Sarah respondeu calorosamente, achando que sua mãe não tinha apreciado seu esforço de buscar o bem da família, ela estava tentando desesperadamente mantê-los juntos em sua fazenda.

Sua mãe enxugou os olhos vermelhos no avental.

- Pegue um copo de água, Jamie. - Sarah ordenou quando ela passou para o lado da mãe e se ajoelhou no chão de barro.

- O que há de errado?

- Todo o grão não valia muito. - A mãe murmurou.

Enquanto Sarah confortava sua mãe, Jamie foi até o armário para pegar um copo limpo para preencher no balde de água que ele deixou sobre o balcão. Com sua falta de jeito típico de jovem, ele pegou a caixa de moedas escondidas com os dedos. A caixa caiu da prateleira direita no balde de água. Ele tentou segurar, mas já tinha aberto e todas as moedas tinham caído no fundo do balde. Ele jurou baixinho e começou a tirá-las.

- Onde está a água? - Sarah perguntou com impaciência.

Jamie deixou as moedas no fundo e pegou um copo de água para sua mãe. Entregando-lhe o copo na mesa onde se sentou, ele voltou para o balde para pescar as moedas restantes. Ele tinha apenas um par na palma da mão quando sua mãe cuspiu seu primeiro gole da água para o chão.

- Está com um gosto horrível. - Queixou-se.

- Como? - Ele perguntou. - Acabei de buscar a água, quando Sarah voltou para casa.

- Oh, não. - Sua mãe lamentou. - Traga o balde aqui mais perto do fogo para ver se a água está clara.

Jamie levou o balde quase completo para a mesa onde todos puderam ver que a água estava cinza.

- Oh, não.

Sarah viu que Jamie continuou pegando as moedas que tinha caído dentro.

- O que você está fazendo?

Ele deu de ombros.

- A caixa de moedas caiu dentro e estou tirando.

Ele jogou as moedas de sua mão sobre a mesa. Quanto mais ele pegava, mais de um brilho amarelo aparecia. Sarah pegou uma e esfregou-a em suas calças.

Quando ela estendeu-a para os outros verem, eles olharam em silêncio. Ela pegou uma das moedas de ouro que tinha encontrado na bolsa de Caio e comparou-as. Elas combinavam em todos os sentidos.

- As moedas na caixa são de ouro, mamãe.

- Não, eu não tenho nenhum ouro. Nós sempre recebemos as mesmas moedas dos romanos e não é ouro.

- Algumas delas são. - Jamie insistiu. - Veja, estes outros não têm esse material cinzento cobrindo-as. Eles são realmente um metal cinzento, mas estes são de ouro.

Os três esvaziaram o balde de todas as moedas e esfregaram tudo e era fácil ter certeza quais eram de ouro e quais não eram.

- Despeje a água e lave o balde. - Sua mãe ordenou a Jamie. - E despeje no chão para que você possa ver se há mais algumas moedas perdidas. Em seguida, lave-o bem e traga um balde de água fresca de volta aqui. E seja rápido. Nós não queremos que ninguém passe por aqui para ver o que estamos fazendo ou o que temos.

Ele não precisava ser lembrado duas vezes. Ele estava de volta em poucos minutos.

- Não havia mais moedas e já tirei o cinza do balde, a água está bem.

- Pelo menos não temos que nos preocupar com nosso bem estar. - Sua mãe disse.

- Não, nós apenas temos que nós preocupar com todo este ouro. - Ele respondeu.

Sarah sentou-se e olhou para a pilha que valia mais do que a fazenda inteira.

- Eu sei de onde as moedas da bolsa vieram, mas onde você conseguiu as outras?

Sua mãe encolheu os ombros e, em seguida, suspirou.

- Oh, Deus. Quando ele entregou para mim disse para colocá-las na água e eu pensei que ele estava maluco. Ele disse que iria crescer.

- Quem? Quem te disse para fazer isso? - Sarah perguntou.

- Ora, o centurião disse. Depois que seu homem me pagou com as moedas de costume, ele veio depois de conversar com você e me entregou estas outras. Eu não podia ver nenhum sentido em colocar moedas na água, então eu deixei-as na caixa e voltei ao trabalho.

Sarah deixou cair a cabeça sobre os braços cruzados sobre a mesa.

Depois de fazer amor com ela, Caio tinha dado a sua mãe o ouro disfarçado para garantir seu bem-estar.

- Oh, Deus, o que eu fiz?

- Não se preocupe em perguntar novamente, irmã. - Jamie disse. - Até mesmo eu sei o que você fez. Você roubou de um homem bom sua bolsa de ouro e a faca que ele ganhou de seu imperador. Isso tudo depois que ele pagou em ouro por uma carga de grãos que vale muito menos do que aquilo que ele pagou. Tenho certeza que não quer estar por aqui quando ele voltar.

- Ha! Isso é uma piada. - Sarah respondeu, de repente, irritada com Caio, em vez de com ela mesma. - Ele não vai voltar. Ele provavelmente já está sobre o mar.

Jamie sacudiu a cabeça e pegou sua tigela e o copo vazio levando para a pia onde sua mãe iria lavá-los.

- Vou verificar os animais perto do celeiro. - Ele disse enquanto vestia sua jaqueta que estava pendurada na porta e saía.

Sarah olhou para sua mãe que estava sentada olhando para as moedas e a faca, sacudindo a cabeça.

- O quê? O que eu fiz de tão errado, mãe? Eu pensei que ele tinha ido embora daqui depois de pagar você com moedas romanas sem valor. Eu tinha que fazer alguma coisa. - Lágrimas de frustração brotaram nos olhos dela e ela não fez nada para impedi-las de cair sobre seu rosto. - Eu o amava e ele tirou vantagem de todos nós.

- Oh, Sarah. Será que ele realmente se aproveitou de você ou você estava disposta como uma mulher apaixonada estaria? - Ela empurrou seu banco para trás da mesa. - Jamie está certo. O que você fez foi roubar um homem bom. - Ela se levantou e foi para o armário. Pegou a caixa com o dinheiro que Jamie tinha colocado para secar. Ela terminou o trabalho com o avental e trouxe-a para a mesa.

- Mas ...

- Mas nada, Sarah. Ele nos pagou em moedas de ouro que ele revestiu com uma aparência muito menos valiosa para nos proteger. Ele tentou se certificar que eu soubesse o seu valor, mas eu não entendi o que ele estava dizendo.

Ela sentou-se no banquinho e colocou as moedas na caixa, uma de cada vez.

- Eu nunca tinha visto tanto dinheiro em um lugar só em minha vida inteira.

Sarah soluçava.

- Agora ele vai pensar o pior de mim quando tudo o que eu queria era que ele me amasse como eu o amo. - Sarah disse em um sussurro rouco.

Ela se levantou da mesa e subiu para o seu quarto no sótão onde ficou acordada até tarde da noite tentando descobrir como chegar até Caio. Ela deveria ter confiado nele, mas não o fez. Ainda se debatia pensando se deveria voltar para o porto do sul. Então, se ele não tivesse ido embora ainda, ela poderia devolver-lhe a faca e a bolsa e pedir desculpas. Embora soubesse que poderia não funcionar.

Os soldados provavelmente estavam entrando rapidamente a bordo do navio que estava esperando por eles. Estavam ansiosos para regressar a Roma e provavelmente não estariam mais no porto. Eles já deveriam ter zarpado.

Uma solução viável não chegou até que ela finalmente adormeceu. Ela sabia que era tarde demais para fazer as pazes e que ele realmente deveria odiá-la agora. Esse pensamento doeu mais do que tudo o que ela já tinha sentido na sua vida.

* * * *

Depois de ter perdido uma semana, as maçãs já estavam maduras e escolhê-las levaria mais tempo. Ela tinha que olhar cada uma para decidir se a jogaria fora ou colocaria na pilha.

- Que desperdício. - Ela murmurou enquanto jogava outra fora.

Ela voltou ao pomar de maçãs na primeira luz do dia e já havia enchido um saco tanto quanto pôde e ainda o levou para a estrada onde Jamie iria buscá-lo ao meio-dia. Ela estava trabalhando além do normal como um castigo auto-infligido por roubar de Caio.

E as longas horas de trabalho na solidão lhe deram muito tempo para pensar nele e em seu no tempo maravilhoso que passaram juntos. Ela se deleitava com as lembranças de seu amante alto, bonito e habilidoso. Como poderia encontrar um marido que estivesse a altura dele? A resposta pura e simples era que ela nunca iria encontrar. Essa seria uma punição mais que merecida.

Ela colocou o saco cheio de maçãs no chão quando ouviu Jamie se aproximando com a carroça. Sobre os ombros, ela carregou o saco cheio para a estrada e esvaziou-o na carroça. Ela deixou Jamie levantar os outros e, em seguida, sentou-se em frente a ele na beira da estrada onde comeu seu almoço, pão e queijo, que ele tinha levado. Pegou uma das maçãs que tinha guardado no bolso do avental e jogou uma para ele.

- Estas estão tão doces que mamãe fará grandes tortas de maçã neste inverno. - Disse ela.

Jamie riu.

- Mamãe está tão chateada com você, que eu diria que ela não vai assar nada em um futuro próximo.

- Ainda está chateada, não é?

- Sim, e eu adoro. Ela não gritou comigo uma só vez durante todo o dia.

Sarah começou a rir, mas não se sentia feliz. Com um suspiro, ela voltou ao trabalho depois que Jamie dirigiu a carroça de volta para a fazenda. Ele iria descarregar as maçãs sobre a palha no celeiro, onde poderiam embalá-las em barris naquela noite.

Ela iria continuar trabalhando até que tudo fosse feito.

As maçãs continuaram a desaparecer das árvores pelo resto da tarde. Jamie a levou para casa na hora do jantar, mas ela não estava com fome e comeu pouco.

- Vou estar no celeiro. Não esperem por mim. - Ela disse enquanto vestia a velha jaqueta de Jamie e marchava para o estábulo.

Continuando com o castigo auto-infligido, trabalhou por muito tempo, até depois de escurecer, mergulhando as maçãs recém colhidas nos barris com palha. Após o pôr do sol, ela trabalhou com a luz de uma única vela que pôs em cima de um barril cheio para mantê-lo com segurança longe da palha.

- Eu não vou parar até que todas estejam embaladas. - Ela disse quando seus músculos começaram a doer e gritaram para ela parar e dormir. - Talvez eu me canse o suficiente para dormir a noite toda, sem a visão de Caio me odiando para me acordar.

* * * *

Caio e Lam disseram adeus ao último dos seus homens que correu em direção a sua esposa na aldeia. Lam virou a carroça na estrada em direção a fazenda de Sarah. Cansado quase além de suas forças depois de puxar uma carroça carregada com grãos por vários dias, o cavalo começou uma marcha lenta. Lam percebeu que chicotear o cavalo seria inútil e poderia fazê-lo desistir.

Desde que deixou o mar para trás, Caio havia conseguido roupas para eles, como aquelas usadas pela população local, negociando alguns de seus grãos. As calças rústicas e camisas soltas estavam muito longe de seus uniformes finamente tecidos e as armaduras, que tinham escondido em um saco no vagão. Seus rostos ainda pareciam romanos, mas como os romanos fizeram tantas coisas ruins eles não queriam se vestir como eles e chamar a atenção para si. E sem dizer que eles poderiam ser alvos de legumes e verduras podres ou coisa pior. Eles sabiam que iria demorar algum tempo para os ingleses serem amistosos com os romanos.

- Então, nós apenas vamos ver a casa da fazenda? - Lam perguntou. - É isso mesmo?

- Algo assim. - Caio respondeu. - Como bons soldados, vamos decidir sobre o nosso plano de ação, quando virmos a terra.

- Hmmm. E como é que eles vão nos receber em casa, tanto tempo depois do por do sol? - Lam perguntou. - Não estarão dormindo?

Caio deu de ombros.

- Então, vamos ficar confortável no celeiro e esperar até de manhã.

- Mas, aconteça o que acontecer, você vai pegar sua bolsa e sua faca de volta.

- Vou voltar e me assegurar de que a mulher sedutora que me roubou não roube nada de novo.

Lam riu.

- Eu acho que você não vai me deixar ver.

- Não, acho que não. - Caio disse, franzindo a testa para seu amigo.

- Eu não sei. - Ele suspirou e balançou a cabeça. - Eu não sei o que você viu nessa moça magra. Gosto mais de carne na minha mulher.

- Há outras.

Lam esfregou sua coxa com a palma da mão.

- Eu não sei. Há uma que eu estive visitando que está tentando me levar para o altar. Eu acho que ela queria dois ou três homens ao mesmo tempo.

- Eu não te tomaria por um homem que gostaria de compartilhar.

Lam sorriu.

- Não, eu não gosto. E quando eu terminei com ela, ela estava muito gasta para sequer pensar em outros. Adorei o desafio.

Os amigos riram juntos. À medida que se aproximaram da fazenda, Caio viu uma luz fraca no celeiro e nenhum sinal de atividade na casa.

- Você espera aqui com a carroça barulhenta, Lam. Eu quero ver quem ainda está no celeiro.

Lam parou a carroça.

- Eu vou, se eu ouvir você gritar. - Ele prometeu quando desceu da carroça deixando o cavalo cansado e levando-o para o cocho de água ao lado do curral, onde um cavalo solitário ficou observando-os.

Caio caminhou ao lado dele até que viu Sarah trabalhando à luz das velas.

- Ah, Lam, talvez você não deva vir em meu auxílio depois de tudo. - Ele sussurrou. - Posso fazer alguém gritar eu não quero ser interrompido.

Lam deu uma risadinha.

- Então uma vez que este cavalo esteja descansado, vou me acomodar na carroça, como fizemos na noite passada. Espero que meu ronco não o mantenha acordado.

Caio bateu nas costas de seu amigo.

- Espero não ter que voltar aqui para ouvir.

Depois que o cavalo bebeu bastante, Lam levou-o para a área gramada da casa e amarrou as rédeas no tronco de uma árvore para que ele pudesse comer tudo o que quisesse. Caio esperou na sombra para entrar no celeiro, até que Lam tivesse voltado para a carroça na estrada.

Quando ele se virou para ver Sarah trabalhando, ele percebeu como a luz das velas refletia mechas de ouro em seu cabelo ruivo. Ele viu seus seios inchados sob o decote da blusa quando ela se inclinou para colocar outra maçã acolchoada no barril. Seu corpo reagiu imediatamente, enquanto ele olhava a cadência graciosa de seus quadris quando ela colocou o saco vazio junto com os outros, seu pênis ficou duro na frente de sua calça.

Por Zeus, ela poderia despertá-lo mais rápido do que qualquer outra mulher que ele já tinha conhecido. Estava ainda espionando

quando ela bateu no topo do barril e olhou como se estivesse verificando se tudo tinha sido feito e guardado. Pensando que ela fosse pegar a vela e voltar para a casa a qualquer momento, ele entrou no celeiro e conseguiu ficar com as costas voltada para a porta, não muito longe dela.

Quando ela inclinou-se para soprar as velas sobre o barril, ele contornou a porta e abordou-a, jogando-a no chão coberto de palha na escuridão. Ela soltou uma respiração rápida e sabendo que ela iria gritar ele silenciou-a com a mão sobre sua boca. Ela bateu em seus ombros e braços, ele conseguiu segurar seus pulsos e mantê-los sobre sua cabeça com a mão livre. O corpo dela pressionou contra o seu e podia sentir sua ereção contra suas coxas.

Após alguns segundos, ela percebeu que não podia fugir e se calou. Ou teria ela o reconhecido, a sensação familiar de seu corpo no dela, seu perfume? Ele sorriu.

- O quê? Não vai mais lutar para escapar? Eu pensei que uma ladra fizesse mais para fugir.

Ela balançou a cabeça, tanto quanto pôde com a mão sobre sua boca. Ela disse algo que soou como um murmúrio abafado.

- Eu vou tirar a minha mão de seu rosto, se você prometer ficar quieta.

Ela assentiu com a cabeça vigorosamente e ele lentamente levantou a mão. Com a boca aberta, ela engoliu o ar.

- Caio, é realmente você?

- Bem, existem outros homens que te chame de ladra? - Ele disse liberando suas mãos também.

Ele apoiou-se sobre os cotovelos no chão de terra de cada lado dos ombros.

- Deus, não, nenhum outro. E não há outro homem. - Ela disse baixinho.

Lançando os braços em volta de seu pescoço, ela puxou sua cabeça para baixo e beijou-o.

- Eu queria voltar para lhe devolver a faca e a bolsa, mas eu pensei que você tinha ido embora. - Ela beijou suas bochechas, testa e queixo, mas ele não respondeu. - Você pode perguntar a minha mãe. Ela me convenceu a ir para o sul para tentar uma segunda vez. - Beijou seus lábios e puxou o lábio inferior em sua boca chupando-o. - Por favor, me perdoe. Eu pensei que você tinha nos enganado com um pagamento injusto para os produtos que você levou.

Ele puxou a cabeça para longe de seu alcance.

- Enganar você? Mas eu paguei sua mãe um extra da minha própria bolsa. Eu lhe paguei o suficiente para comprar toda a fazenda. - Caio disse.

– Eu sei. Eu sei agora, mas não antes que eu sáísse correndo para encontrá-lo. Eu estava com tanta raiva e não sabia sobre o ouro.

Balançando a cabeça, ele disse.

– Eu ainda não posso acreditar que você percorreu todo esse caminho para me encontrar. Você poderia ter sido morta ou violada. Eu devia...

De repente, ele ficou em pé e puxou-a para cima e por cima do ombro em um movimento suave. Ela gritou de surpresa, mas não o impediu. A lua estava alta e iluminava o caminho para a escada que levava ao palheiro. Ele subiu até encontrar o sótão cheio de feno recém-colhido. Ele fez uma cama perfeita, macia e limpa.

Entrando no canto, sentou-se e virou-a sobre seus joelhos, suas nádegas atingiram o ponto máximo de suas coxas. Ela tentou se levantar, mas ele empurrou-a para baixo com a mão entre as omoplatas.

– Deixe-me levantar.

– Ainda não ladra.

Levantando sua saia e camisa por cima de sua cintura com a outra mão, ele viu o brilho pálido das nádegas nuas. Colocando a mão sobre elas, quase se desfez com a suavidade morna.

– Mas eu já expliquei isso. Nós não sabíamos que as moedas eram de ouro quando eu saí.

Mas ele não seria dissuadido. Ele mirou e levantou o braço.

– Eu não estava roubando. Eu estava...

Ele golpeou um lado e depois o outro rígido.

Ela gritou e se contorceu para fugir.

– O que você está fazendo? Isso dói.

Ele massageou onde havia batido e abriu caminho pelas suas coxas mais um pouco. Ele empurrou as pernas dela e passou um dedo entre elas e voltou para suas nádegas.

– Oh, Caio. Você me faz ficar molhada por te querer tanto.

Só quando ela tinha relaxado com o prazer, ele golpeou suas nádegas novamente, de forma acentuada e dura, fazendo-a gritar novamente.

– Você me quer? Ou você quer a minha bolsa e a faca?

– Eu quero você. Eu não quero seu dinheiro ou qualquer outra coisa, mas você.

Seu dedo se deslizou entre os lábios úmidos pressionando sobre o clitóris em círculos pequenos, deixando-o duro. Ela gemeu de prazer e ele a surpreendeu com um novo golpe na parte inferior macia.

– E você não vai roubar de novo?

– Não, nunca. Caio, por favor. Eu me sinto tão quente. Eu quero você dentro de mim. Por favor.

Esfregou o clitóris algumas vezes e, em seguida, enfiou o dedo médio dentro dela. Depois de circular por dentro, ele puxou para fora e, em seguida impulsionou dois dedos. Ela respirava rápido quando ele se retirou completamente e em seguida, empurrou-os novamente.

- Oh, pare. Não me provoque mais. Por favor. - Ela choramingou.

Incapaz de resistir por mais tempo, ele ergueu-a de seu colo, mas a colocou sobre as mãos e os joelhos. Ele foi de joelhos para trás dela. Puxou a calça para baixo, guiou seu pênis duro entre os lábios inferiores e empurrou para dentro.

- Zeus, você está tão quente e pronta.

Segurando seus quadris, ele se retirava e entrava, novamente e novamente. Sua raiva se transformou rapidamente em paixão. O que ele havia pretendido que fosse uma lição dolorosa para ela o tinha deixado dolorosamente quente.

- Sim, mais, mais. - Ela pediu.

Ela estendeu os joelhos e ele bateu contra ela em cada estocada. Suas costas se arquearam e seu rosto desceu para o feno. Empurrando com as mãos, ela apertou-se para trás contra ele mais e mais rápido a cada estocada, seus espasmos apertando em volta dele o tempo todo.

Não era possível que o castigo deixasse seu prazer melhor, mas era assim, lançou a cabeça para trás e resmungou quando sua semente foi lançada contra seu ventre. Então, saciado ele caiu para o feno ao lado dela e puxou-a para o seu peito, embalando-a contra seu pescoço.

- E agora que eu ensinei-lhe uma lição e você não vai mais roubar de novo, o que vamos fazer?

- Posso pensar em muitas coisas que eu gostaria de fazer. - Ela disse com uma risada sexy.

Ele riu e estendeu a mão suavemente para suas nádegas ainda nuas.

- Eu te machuquei muito?

- Sim, mas já parou de doer e eu só queria fazer amor com você.

- Fazer amor?

- Oh, sim. Eu quero fazer isso toda vez que te vejo. - Ela beijou seu pescoço e lambeu sua pele salgada antes de beijá-lo novamente.

- Mas se ficar neste país, eu não quero você como amante.

Ela levantou a cabeça para olhar para ele.

- Você não quer? Depois do que aconteceu entre nós? Eu pensei que tivesse sido maravilhoso. Você não gostou?

Ele soltou uma gargalhada.

- Ah, eu gostei muito. - Ele disse, interrompendo-a com um beijo rápido. - Mas eu quero que você seja minha esposa, Sarah, não a minha amante. - Ele acrescentou mais suavemente.

Deitou a cabeça em seu ombro. Ficou em silêncio por um minuto. Caio não sabia o que pensar. Será que ela estava pensando na melhor maneira de dizer-lhe que não estava interessada? Zeus! Ele não iria deixá-la dizer que não.

- Quando é que você saberá? - Ela finalmente perguntou em voz baixa.

- Saber o quê?

Ela golpeou seu ombro, brincando.

- Saber se você fixará raízes aqui, saber se você realmente me quer como esposa. - Ela fez uma pausa... - Saber se você me ama.

Ele sorriu com alívio e beijou-a no ventre

- Oh, eu sei tudo isso agora. Eu vou ficar, porque o último navio saiu para Roma e o imperador deixou-nos seguir nosso próprio caminho no mundo. Muitos legionários voltaram para casa ou para Roma, esperando que não tenha sido destruída ainda, mas muitos outros ficaram aqui.

- E você? O que você vai fazer?

- Acho que Lam e eu gostaríamos de tentar a nossa mão na agricultura.

- E ... - ela deixou passar alguns instantes.

- O quê? Oh. E eu sei que quero você como minha esposa. - Ele ergueu seu queixo com o dedo dobrado para que pudesse ver seu rosto. - Quer se casar comigo, Sarah?

- E ... e você me ama tanto quanto eu te amo? Ela sussurrou, mal se atrevendo a perguntar.

Ele encontrou seu olhar na luz do luar que brilhava através das fendas entre as placas ao lado deles. Ele sorriu e esfregou as costas de seus dedos para baixo em sua bochecha.

- Eu acho que eu te amei desde que eu a pressionei no banho e percebi que não sabia nadar. Senti medo de que você pudesse se afogar. - Ele beijou seus lábios.

- Eu amei você desde que eu percebi que apesar de você ser um conquistador romano odioso, eu poderia confiar em você para que em seus braços pudesse flutuar na enorme piscina de água quente. Se pudesse fazer isso, eu sabia que você não deixaria nada de ruim acontecer comigo.

Eles se beijaram novamente, ele a puxou inteiramente para cima de si mesmo e ficou entre as pernas dela.

- Jamie ficará tão feliz de saber que você e Lam vieram para ficar. Ele quer aprender a criar cavalos e pôs seus olhos na filha do líder da aldeia. Em alguns anos, seu pai vai procurar alguém para se

casar com ela e assumir sua fazenda. Ele tem uma criação de cavalos. Com você aqui para ajudar, Jamie vai estar na primeira linha para ela. - Ela beijou seu queixo e passou a língua na fenda que tinha ali.- Você está aqui para ficar, não é, Caio?

- Se você se casar comigo, assim que conseguirmos organizar o casamento. Você ainda não disse se vai ser minha esposa.

- Ah, sim, eu aceito.

- E você não está se casando assim para que seu irmão possa aumentar os cavalos?

Ela riu.

- Não, eu vou casar com você porque eu te amo.

- Ótimo.

Eles se beijaram, mas quando Sarah começou a se mover contra ele, esfregando seu pênis, ele segurou-a ainda com uma mão em cada nádega.

- Eu acho que na maioria das vezes que fizemos amor, minha doce Sarah, temos sido bastante frenéticos, pensando que era a nossa última chance, nosso último momento para estarmos juntos. Mas não mais. Temos toda a noite e o resto de nossas vidas. Então, vamos começar devagar e tomar nosso tempo.

Ela franziu a testa um pouco e depois sorriu.

- Você realmente acha que podemos ir devagar?

Ele riu.

- Vai ser divertido tentar.

- Bem, a noite é jovem.

- E nós temos um sótão cheio de feno macio e fresco para rolar.

Fim

